

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Flamínia Manzano Moreira Lodovici

O IDIOMATISMO COMO LUGAR DE REFLEXÃO
SOBRE O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Nível: Doutorado

Área de concentração: Aquisição da Linguagem

Orientador: Prof.^a Dr.^a Claudia Thereza Guimarães de Lemos

Campinas

2007

Prof.^a Dr.^a Maria Francisca A.F. Lier-De Vitto
PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Maria Viviane do Amaral Veras
UNIBERO

Prof.^a Dr.^a Maria Fausta C. Pereira de Castro
UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Rosa Attié Figueira
UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Claudia Thereza Guimarães de Lemos
UNICAMP - Orientadora

Campinas, 16 de fevereiro de 2007.

RESUMO

Este trabalho de investigação objetiva abordar a natureza da questão idiomática e a relação que, por meio dela, reclama reflexão: o jogo entre o universal do funcionamento lingüístico e as manifestações singulares de fala. A análise deixa ver que o idiomatismo é mesmo um fato de língua; resulta de um jogo combinatório no qual seu efeito de unidade se configura, e delimita-se no fluxo da fala "em ato". Não se pode propriamente prever seu sentido antes que ele se atualize numa determinada fala. A hipótese é a de que "expressões idiomáticas" se comportam como outras quaisquer no sistema: elas também estão sujeitas a operações de composição/recomposição que renovam seu modo de fazer presença nos dizeres. Mesmo em se levando em consideração que sentidos relativos a enunciados idiomáticos podem se estabilizar no uso, o que importa é que estabilização não é sinônimo de fixidez. A investigação indica que essas "formas de significar" comportariam duplo sentido. A princípio, a tendência deste trabalho foi tomar essa característica como diferencial dos outros elementos da língua. Mas o que se impõe é reconhecer que esse é mesmo o destino de todo o dizer. Por fim, o idiomatismo exhibe uma diferença, uma extravagância que parece vincular-se à sua natureza essencialmente metafórica que, por sua vez, responde pela produção de um, muitas vezes, inesperado efeito significativo.

PALAVRAS-CHAVE: idiomatismos; formas de significar; funcionamento da língua; idiomaticidade; Idiomatologia.

ABSTRACT:

The purpose of this study is to approach the nature of the idiomatic issue and the relation that requires reflexion: the play between the universal aspect of linguistic functioning and the unique manifestations of speech. This analysis allows you to see that idioms are actually a speech fact; they result from a combinatory play in which their unity effect is configured and bound in the speech flow *in actu* [*en acte/in act*]. Their meaning cannot be foreseen before they are materialized in a specific speech. The hypothesis is that "idiomatic expressions" behave like any others in the system: they are also subject to composition / recombination operations which renew the manner in which they are present in the utterances. Even if we consider that senses concerning idiomatic utterances can be stabilized in usage, what really matters is that stabilization is not synonymous with immutability. Research shows that such forms of meaning attribution allow for double meaning. At first, this study was inclined to consider this as a distinguishing feature with respect to the other features of speech. But what must be acknowledged is that all utterances have the same fate. Finally, idioms show a difference, an extravagancy that seems to be linked to their essentially metaphorical nature which, in turn, is responsible for the production of a, very often, unexpected signifying effect.

Key Words: idioms; forms of meaning; functioning of language; idiomacity; Idiomatology.

O IDIOMATISMO COMO LUGAR DE REFLEXÃO
SOBRE O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

SUMÁRIO

Introdução

1. Situando a questão e os objetivos do trabalho.	02
2. Idiomatismo: sobre sua abordagem nos estudos lingüísticos. . .	04

Capítulo I

Idiomatismo: uma questão para a Lingüística	46
1. Idiomatismo e a questão da unidade e da segmentação	48

Capítulo II

Uma leitura de falas idiomáticas	69
1. Falas que envolvem manifestações idiomáticas	72
Considerações finais	95
Referências Bibliográficas	103

A Carmen Manzano Serrano, minha mãezinha querida.
A Benito Serrano Moreira, meu querido pai. Saudades.
Aos meus irmãos queridos Milton, Rubens, Benito, Marta e Paulinho.

Ao Pedro e meus filhos,
Pedro, Edméa e Ricardo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus agradecimentos à orientadora, Prof.^a Dr.^a Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, que me ofereceu - com seu entusiasmo pela linguagem metafórica - tantas e todas as oportunidades para que eu continuasse na pesquisa, sob sua brilhante e rigorosa orientação.

Às Prof.^{as} Dr.^{as} Rosa Attié Figueira e Maria Viviane do Amaral Veras, pelas valiosas pontuações, pela correção minuciosa e sugestões de melhoria no meu trabalho.

Às Prof.^{as} Dr.^{as} Mônica Zoppi Fontana, Mônica de Oliveira Santos, Sheila Elias de Oliveira, Maria Fausta C. Pereira de Castro, pela leitura e criteriosa avaliação de meus trabalhos.

Às Prof.^{as} Dr.^{as} Maria Francisca Lier-De Vitto e Suzana Carielo da Fonseca, a quem devo gestos valiosos que me sustentaram no ânimo e teoricamente até o final e, mais que isso, gestos tão amigos em seu acolhimento que nos fazem mais que amigas, irmãs. Suas palavras fazem presença insistente neste trabalho.

Ao saudoso Prof. Dr. Fernando Taralo, que tanto me entusiasmou para a pesquisa sobre os idiomatismos. Saudades.

Ao IEL/Unicamp, por seus diretores, professores e funcionários, por compreenderem, com grande espírito humanista, que cada um tem sua história - por permitirem o tempo que foi possível para que eu pudesse superar perdas, amadurecer em minhas leituras e reflexões, acalmar-me em minha insegurança. E mais que tudo, por aguardarem até que certas circunstâncias da vida permitissem que eu finalizasse este trabalho, se cumprisse um sonho e se mantivesse a esperança de novos estudos. Os meus mais sinceros agradecimentos a todos.

Às Prof.^{as} Dr.^{as} Elisabeth F. Mercadante e Beltrina Côrte, da área da Gerontologia da PUC-SP, a quem devo meu retorno ao pensar e ao entusiasmo pela vida acadêmica.

Aos meus amigos, colegas, professores e funcionários da PUC-SP, que torceram muito pela finalização de meu doutorado.

À Dr.^a Valéria Santoro Bahia, competente e devotada neurologista que, além de orientar a recuperação de minha saúde física, é em grande parte responsável por minha sustentação psíquica.

À D.^a Edméa Lascala Lodovici, ao José Carlos Lodovici, ao saudoso Sr. Domingos Lodovici, enfim, a todos os meus familiares - tios, irmãos, cunhados, primos e sobrinhos -, de quem me afastei tanto para poder me recuperar e voltar a estudar e trabalhar.

A minha afilhada Gerônima Maria Bezerra de Souza que - com a compreensão de seu marido Wedson, das filhas Jéssica e Janaína, e a orientação de D.^a Nilza e Sr. José, pôde me dar auxílio na casa.

1. Situando a questão e os objetivos do trabalho

Este trabalho de investigação incide sobre uma das mais tradicionais e prosaicas "formas de significar", qual seja, a *expressão idiomática* ou o *idiomatismo*. Na linguagem cotidiana transitam frases-feitas, metáforas de uso corrente - as ditas metáforas surradas ou mortas¹ -, provérbios e ditados populares, fórmulas (gnômicas;² de saudação; de agradecimento; de polidez; para pedir favores ou desculpas; para solicitar informações; para atender e fazer telefonemas; de escrita na internet), colocações habituais, expressões catacréticas, clichês, chavões, estereótipos, dentre outros fenômenos que, como esta tese pretende problematizar precisamente no caso das expressões idiomáticas, dizem muito da relação língua-fala-falante.

¹ "Metáfora morta/desgastada" em oposição à "metáfora viva/criativa": essas denominações evocam o procedimento de ver a língua comparada metaforicamente a um organismo e ecoam na obra de autores que situam o idiomatismo como pertencente ao campo do desvio, das anomalias, como Ricoeur (1975) e Guiraud (1954/1961).

² "Fórmulas gnômicas" é termo que refere máximas ou sentenças morais, no sentido de Sherzer (1976: 163).

Idiomatismo (< ingl., *idiom*) é um termo *fourre-tout* com que especialmente a tradição lingüística norte-americana recobre grande parte dessas expressões. Isso porque esse termo indica o pertencimento de uma determinada expressão a uma classe “guarda-chuva” que recobriria fenômenos lingüísticos homogêneos ou que partilhariam de algum aspecto comum (semântico e/ou sintático e, mais recentemente, pragmático).

Partindo da leitura de algumas pesquisas voltadas para essa temática – da Fraseologia³, Paremiologia⁴ e Idiomatologia⁵ – e instigada pela singularidade manifesta nessa “forma de significar”⁶ é que empreendi esta investigação.

Cabe assinalar que os idiomatismos emergem na fala oral e/ou escrita e, a meu ver, suscitam questões relativas à sua delimitação, levando em conta ainda sua complexidade formal e os efeitos de sentido que produzem.

Pretende, pois, este estudo abordar a *natureza* da questão idiomática e a *relação* que, por meio dela, reclama reflexão: o jogo entre o universal do funcionamento lingüístico (Saussure, 1916/1970) e as singularidades das manifestações idiomáticas.

Numa introdução panorâmica a este estudo, trago uma revisão crítica da literatura sobre o tema - a circunscrição do problema no âmbito da Lingüística e as controvérsias que marcam o seu estudo.

³ “Fraseologia” é termo que designa a disciplina científica, desenvolvida sistematicamente a partir da década de cinquenta pela tradição russa, girando em torno dos fraseologismos/idiomatismos, estudando aqueles incorporados, via de regra, da literatura européia: francesa, alemã, tcheca, sueca, espanhola, portuguesa etc.

⁴ “Paremiologia” é a disciplina que restringe suas pesquisas aos provérbios e máximas sapienciais que vêm sendo estudados principalmente a partir de Greimas (1970).

⁵ “Idiomatologia” é tomada, neste trabalho, como um dos campos de estudo da linguagem, responsável pela “forma de significar” que desencadeia uma cena idiomática ou faz sair da idiomática para uma cena “ao-pé-da-letra”.

⁶ “Forma de significar”, neste trabalho, diz de uma estrutura particular/idiomática de língua cuja manifestação na fala (oral ou escrita) traz singulares efeitos de sentido a falante/ouvinte, resultantes de processos metafóricos/metonímicos.

No capítulo 1, com o estruturalismo europeu e seus desdobramentos no campo da Lingüística, coloco em cena a problemática da unidade e da segmentação nos estudos da linguagem.

No capítulo 2, a partir da discussão realizada no primeiro capítulo, ofereço uma leitura alternativa dos idiomatismos.

As considerações finais dizem não só do que se pode recolher/reconhecer neste estudo, como também indicam a trilha que se abre para investigações posteriores.

2. Idiomatismo: sobre sua abordagem nos estudos lingüísticos

Na revisão da literatura sobre o tema no campo da Lingüística, o que chama mesmo a atenção é o fato de os estudos idiomáticos e fraseológicos girarem em torno de um vértice comum, qual seja: forma-fixa e sentido único. Os idiomatismos/fraseologismos seriam, nessa perspectiva, um lugar privilegiado para deixar ver a correlação simétrica e biunívoca entre forma e sentido. Essa abordagem dominante nos estudos lingüísticos modernos sobre tais expressões se consubstanciou no modelo conhecido como semântico (muitas vezes, semântico-sintático), tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa.

O conceito de *idiomaticidade*⁷ não ocupa, ainda, um lugar central no escopo das investigações, aparecendo rara e imprecisamente definido. O mesmo não ocorre com os derivados, o adjetivo *idiomático* e o substantivo *idiomatismo*, que são sempre referidos e muito empregados nas pesquisas lingüísticas.

Aliás, a pertinência da investigação dos idiomatismos no campo dos estudos lingüísticos foi primeiramente problematizada em função de seu dito caráter de excepcionalidade e irregularidade.

Martí Sánchez (2005), por ejemplo, diz da problemática fraseológico-idiomática:

Como todos sabemos ou imaginamos, os fraseologismos (F) constituem uma matéria problemática, de difícil 'vertebração' interna e problemática delimitação externa, dificuldade que não é alheia à tendência à desordem expansiva que afeta todos os modismos [conjunto de palavras, característico de uma língua ou de uma variedade lingüística, que apresenta uma ordem fixa e que funciona como um elemento único. Ex.: *em um abrir e fechar de olhos*, 'rapidamente'], entre os quais encontram-se hoje os F. (tradução minha).⁸

Danlos nos lembra ainda que:

⁷ "Idiomaticidade" é, aqui, tomada no sentido de a qualidade de uma língua ao mostrar as particularidades de suas estruturas, o singular ou o curioso de suas manifestações lingüísticas, que a caracterizam, independentemente de preconceitos ou pruridos, diante de outras línguas.

⁸ "Como todos sabemos o imaginamos, los fraseologismos (F) constituyen una materia problemática, de difícil vertebración interna y problemática delimitación externa, dificultad a la que no es ajena la tendencia al desorden expansivo que afecta a todas las modas, entre las cuales se encuentran hoy día los F." (Martí Sánchez, 2005).

As expressões fixas como: *Luc pega (a tangente / o touro pelos chifres)* [...] são geralmente consideradas como excepcionais e irregulares; conseqüentemente, não constituem um domínio na literatura lingüística (1981: 53)⁹ (tradução minha; grifo meu).

A autora, entretanto, vai refutar a idéia de que essas formas fixas sejam *exceção*, tendo como base uma investigação de natureza estatística. A pesquisa por ela realizada indica que sua freqüência de ocorrência na fala cotidiana avizinha-se daquela das construções ditas livres.

Ao recolher 1.600 expressões fixas no francês, de formato *Prep.X*, a autora verificou ser mais elevado esse número que aquele obtido com advérbios em *-ment*, em torno de 1.400.¹⁰ Do que ela conclui: considerar as expressões fixas como *excepcionais* de um ponto de vista estatístico, obrigaria que se levassem, ao mesmo tratamento de excepcionalidade, os advérbios em *-ment*.

Na mesma linha argumentativa, em sua pesquisa Gross (1981) mostra que, a 8000 construções verbais fixas (envolvendo o emprego específico do verbo "lécher", 'lamber', [como em *Luc lèche les bottes* de Max, 'Luc lambe as botas de Max']), correspondem precisamente 8.000 construções ditas livres [como em *Luc lèche le plat*, 'Luc lambe o prato']¹¹.

⁹ "Les expressions figées comme *Luc prend (la tangente/le taureau par les cornes)* [...] sont généralement considérés comme exceptionnelles et irrégulières; em conséquence, elles ne constituent pas um domaine dans la littérature linguistique." (Danlos, 1981: 53) .

¹⁰ Danlos (1980), citado em Danlos (1981).

¹¹ Gross teve sua pesquisa de 1981 publicada em Gross (1985: 89-117).

Cabe notar, ainda, que a Fraseologia do português continental já constatou a existência de algo em torno de 7 a 11 mil unidades fraseológicas/idiomáticas; na brasileira, até um número bem maior, variando de 12 a 15.000 dessas expressões.¹² Esse número - considerado elevado - de manifestações idiomáticas, em várias línguas, leva Danlos a afirmar que "ignorar estas construções significa ignorar uma boa parte da linguagem" (1981: 63) (tradução minha)¹³. A autora contrapõe-se, ainda, ao alegado caráter *irregular* de tais manifestações, assinalando a necessidade de um estudo mais detalhado que examine, por exemplo, em que medida tais formas obedeceriam, ou não, a regras de caráter mais geral.

Passos nesta direção, contudo, já haviam sido dados tanto na lingüística europeia, como na norte-americana.

Pode-se dizer que a Fraseologia - campo dos estudos idiomáticos na Europa - constitui uma disciplina relativamente nova, cujas bases foram assentadas na lingüística russa, na segunda metade do século dezenove quando, segundo Klare (1986), estudiosos como Potebnja, Fortunatov e Sachmatov voltaram sua atenção para os elementos que compõem as expressões idiomáticas.

Deve-se lembrar que a questão que envolve os idiomatismos não escapou a Saussure. No *CLG – Curso de Lingüística Geral*, ele afirma que:

¹² Cf. Schemann, apud: Klare (1986: 357).

¹³ "Ignorer ces constructions revient à ignorer une bonne partie du langage." Danlos (1981: 63).

[...] há [...] um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases-feitas [*locutions toutes faites/ready made utterances*], nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir pela reflexão, as partes significativas (cf.fr.: *a quoi bon? Allons donc!* etc.)¹⁴ [...] esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição (1916/1970: 144).

Complementa os dizeres acima, uma anotação feita por Saussure e que é trazida à luz na edição crítica do *Curso*, de Engler (1967: 284), nos seguintes termos: "Há entre outras toda uma série de frases que são *frases-feitas* pela língua".¹⁵ Saussure reconhece, assim, a categoria das frases-feitas como fazendo parte da língua no seu binômio língua/fala.

Os trabalhos de Bally (1902), discípulo de Saussure, intitulados *Précis de stylistique*, *Traité de stylistique française* e *Linguistique générale et Linguistique française* retomam a questão das locuções complexas. É quando se fala, pela primeira vez, de *Phraséologie* para "[...] abarcar o conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar, de um lado aos agrupamentos usuais ou séries fraseológicas e, por outro, de unidades fraseológicas".¹⁶ Assim, expressões como "*saco sem fundo*" foram abordadas no âmbito de sua força metafórica e de sua pertinência à "linguagem familiar e [...] [das] relações sociais estreitas e especiais entre [...] interlocutores"¹⁷

¹⁴ "Exemplos equivalentes em português seriam: de que adianta?, com que então? (N. dos T.)" (1916/1970: 144).

¹⁵ "Il y a entre autres toute une série de phrases qui sont toutes faites pour la langue". (tradução minha). Engler (1967: 284).

¹⁶ "[...] para abarcar el conjunto de fenómenos sintáticos y semánticos que dan lugar, por una parte a los groupements usuels o séries phraséologiques y, por otra, a las unités phraséologiques." Cf. Corpas Pastor (1996: 10) (tradução minha).

¹⁷ Apud: Guiraud, 1954/1970: 76.

Aliás, a noção de locuções fraseológicas (*locutions phraseologiques*) de Bally (1902) foi decisiva para que a Fraseologia adentrasse, nas décadas seguintes, na Lexicologia/Lexicografia russa e na dos países do Leste Europeu. Momento em que a Fraseologia foi assumida como área de investigação científica pelos pesquisadores norte-americanos¹⁸, além dos russos, sendo Bally (1902) considerado – por seus trabalhos que constituíram uma teoria fraseológica completa –, o pai da Fraseologia.

Corpas Pastor (1996) destaca ainda o aspecto didático do trabalho de Bally:

No volume II do *Traité [de stylistique française,]* Charles Bally inclusive - fato que não costuma ser destacado pelos lingüistas - propõe uma série completa de exercícios que ajudam a compreender as peculiaridades, a conhecer o âmbito de uso, que facilitam o ensino e a aprendizagem, em suma, das UFS [unidades fraseológicas]; de modo que também se poderia considerá-lo pioneiro no campo específico da didática da Fraseologia." (1996: 10) (tradução minha).¹⁹

A respeito do papel desempenhado por Bally, seguindo a orientação saussuriana, diz Bakhtin (1986):

¹⁸ Nesse tempo, o trabalho do dinamarquês Jespersen (1924/1965) fez expandir, nos Estados Unidos, o modelo semântico no interior dos estudos sobre o idiomatismo.

¹⁹ "En el volumen II del *Traité*, Charles Bally incluso - hecho que no suele ser destacado por los lingüistas - plantea una serie completa de ejercicios que ayudan a comprender las peculiaridades, a conocer el ámbito de uso, que facilitan el enseñanza y aprendizaje, en suma, de las UFS; de modo que también se podría considerar pionero en el campo específico de la didáctica de la Fraseología." (Corpas Pastor, 1996: 10) (tradução minha).

A chamada Escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, mostra-se como a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato em nosso tempo. Os representantes desta escola, particularmente Charles Bally, estão entre os maiores lingüistas contemporâneos... A pouca audiência que a escola de Vossler tem na Rússia corresponde inversamente à popularidade e influência de que a de Saussure aí goza. Podemos dizer que a maioria dos representantes de nosso pensamento lingüístico se acha sob a influência determinante de Saussure e de seus discípulos, Bally e Sechehaye²⁰ (...) concepções de Saussure, dada a imensa importância de seus fundamentos teóricos para toda a segunda orientação e para a lingüística russa...²¹

Guiraud (1954/1970), por sua vez, seguindo a trilha aberta por Bally (1902), fomentou a investigação sobre as “unidades fraseológicas”, às quais, de acordo com Fleiseher (1982), negligenciara-se, na Europa Ocidental e Central, até meados dos anos quarenta.

A orientação fraseológica de Bally foi fazendo-se notar na Fraseologia românica, em particular na do francês, segundo Militz (1978).

²⁰ “O livro de R.Schor, *Iazik i óbhtchestvo* (Linguagem e Sociedade), Moscou, 1926, situa-se no espírito da escola de Genebra. Schor nele faz uma viva apologia das idéias fundamentais de Saussure, como também no artigo já citado “A crise da lingüística contemporânea... Vinogradov se situa também como um êmulo da Escola de Genebra. Duas escolas lingüísticas russas, a escola de Fortunátov e a de Kazan (Kruchevski e Baudouin de Courtenay) que constituem uma expressão brilhante do formalismo em lingüística, inserem-se perfeitamente no quadro da segunda orientação tal como a esboçamos [segunda orientação bakhtiniana do pensamento filosófico-lingüístico – chamada de “objetivismo abstrato” - é a tendência cujo centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz desta o objeto de uma ciência bem definida, situa-se no sistema lingüístico, a saber, o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Segundo a primeira orientação – a do “subjetivismo idealista” – a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo.]” (Bakhtin, 1986: 84-5).

²¹ “(...) Podemos encontrar uma breve apresentação das idéias de Saussure no artigo já indicado de Schor e no artigo de M.N. Peterson, “Óbhtchaia lingvistika” (“Lingüística Geral”). In: *Petchát i revoliútsia* (Imprensa e Revolução), 1923, vol.6.” (Bakhtin, 1986: 85).

Problemas podem ser apontados em Bally, a meu ver: primeiramente, é ele tomar o componente fraseológico de uma língua como unidade estabelecida, como será discutido mais adiante. Em segundo lugar, é ele situar de uma tal forma a “unidade fraseológica” dentro da estilística, o que pode nos levar a entender que já não se trata de um fenômeno da lingüística propriamente dita. Isso tudo porque, ao explicar tal fenômeno, Bally cede à tendência vossleriana de sustentar, em plano maior, os fatores subjetivos, psicológicos, os dados estilísticos individuais, deixando de renovar a problematização fraseológica à luz da postulação sistêmica, introduzida por seu mestre Saussure, sobre as unidades em geral. As inconsistências dentro do próprio domínio fraseológico ballyano, em termos de fundamentos situam, dessa forma, o lingüista em posição complicada que não o referenciam como discípulo seguidor e renovador – nesse campo do conhecimento – da orientação saussuriana. Não sem razão Bakhtin recusou-se a fazer concessões à fraseologia de sua época – final dos anos vinte e começo dos anos trinta – considerando improcedentes e inadequados os procedimentos de análise fraseológica,²² não cedendo também a certas crenças estabelecidas entre os pesquisadores da estilística, entre as quais a inquestionabilidade da natureza individual das variações estilísticas.

Uma teoria fraseológica consistentemente descrita só vai aparecer, segundo Thun (1978), após 1947, sob responsabilidade de V.V.Vinogradov - o clássico entre os fraseólogos soviéticos -, que estabeleceu uma classificação axial no âmbito fraseológico, a ponto de esta continuar implicitamente determinante até nas descrições atuais.

²² Cf. Roman Jakobson. “Prefácio”. In: Bakhtin, Mikhail (Volochinov) (1986: 9).

Vinogradov foi seguido por A.V. Isačenko (1948), configurando uma escola russa de Fraseologia, diversificada em estudos descritivos sincrônicos, contrastivos (inglês-russo, italiano-russo) e históricos, a partir de 1956, em Leningrado, conforme complementa Corpas Pastor (1996: 10). A seguir, os trabalhos de Cernyeva, Telija, Kunin e Sabitova ganharam notoriedade e foram sistematizados por lingüistas alemães, dentre os quais se destaca Weinreich (1969), responsável pelas primeiras adaptações para a língua inglesa.

Sob essa orientação, a partir do final da década de sessenta, a Fraseologia se estabelece no campo da lingüística na Alemanha, com Eckert (1976), Häusermann, 1977), Thun (1978), Burger (1982); Klare (1986), Higi-Wydler (1989). Além destes, incluem-se, na Fraseologia alemã, lingüistas de origem diversa, como Hausmann (1979; 1997), com um projeto de dicionário sobre colocações francesas; Gréciano (1999) e sua criação de uma “metalinguagem fraseológica” para debater com propriedade, segundo ela, todos os aspectos dessa disciplina.²³ Cubanos também tiveram valiosa participação, dentre eles, Carneado e Tristá Pérez (1985).

Por meio de todos esses estudiosos, é que a produção fraseológica russa se estendeu a outras línguas européias, entre as quais o alemão, o inglês, o espanhol e o francês.

A Fraseologia, como uma sub-área da Lingüística, tem como objeto de estudo, segundo Corpas Pastor (1996):

²³ Em Gréciano (1999), tem-se a Fraseologia vista em uma de suas vertentes, a das línguas de especialidade, cuja importância essa autora destaca: "Os pré-fabricados são frasemas, fraseolexemas em língua geral e fraseotermos, em língua especializada. [...] A contribuição à formação de conceitos, eis o papel fundamental dos frasemas em língua de especialidade [...]". (tradução minha).

[...] as unidades do discurso repetido,²⁴ chamadas de unidades fraseológicas (UFs), e que contempla aspectos interdisciplinares da Morfologia, da Sintaxe, da Semântica, da Pragmática, e também da Psicolinguística e da Sociolinguística. Tal perspectiva múltipla permitiu que ela se liberasse da antiga concepção anomalista, forçosamente limitada, para a qual essas estruturas não eram senão desvios e irregularidades dentro do sistema da língua [a que já referi no início deste trabalho, com ecos em Guiraud, 1961 e Ricoeur, 1975], por oposição às unidades do discurso livre, que se combinam seguindo as regras da sintaxe. (1996: 9) (tradução minha).

É o lingüista Coseriu (1981) quem nomeia de "discurso repetido" as estruturas "pré-fabricadas" de que podem se valer os falantes em suas produções lingüísticas, para fazer a distinção com a "técnica livre". Para ele, esta última refere todas as unidades léxico-gramaticais que utilizam as regras disponíveis da língua para se combinarem entre si. (p.297-302).

Complicados são os limites da disciplina fraseológica, conforme atestam, de forma bastante lúcida, Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002):

²⁴ Segundo Corpas Pastor, "unidades do discurso repetido formam pequenos micro-textos que têm que ser analisados adotando-se regras diferentes daquelas da 'gramática tradicional'; sua aparente irregularidade e assistemática se devem à aplicação de regras do discurso livre a seqüências do discurso repetido" (1996: 9).

Os limites da categoria que convencionalmente se denomina *fraseologia* não são discretos, pois os tipos de unidades léxicas que abarcam apresentam alguns traços que se manifestam em maior ou menor grau, e não necessariamente todos (Ruiz, 1998: 12-3; Schapira, 1999: 12-4; Cowie, 1998: 1-8). Isso viria a explicar uma trajetória de investigações fraseológicas pouco homogêneas na hora de delimitar seu próprio objeto de estudo. (p. 1) (de minha tradução).²⁵

Mencionam ainda esses autores a complexidade de delimitação pela heterogeneidade do objeto de estudo da Fraseologia, nos seguintes termos:

Esta heterogeneidade do fenômeno fraseológico em si, o caráter aberto do conjunto de seus traços explica por sua vez as discrepâncias e vacilações na hora de elaborar teorias ou estabelecer classificações (cf. Baránov e Dobrovól'skiĭ, 1996/1998). Assumindo o anterior, e seguindo Julio Casares (1950), entendemos aqui a fraseologia em um sentido mais amplo, sem prejuízo das fluidas - necessárias, porém -, fronteiras entre as distintas subclasses de unidades que o dito conceito possa chegar a abarcar. (2002: 1) (de minha tradução).²⁶

²⁵ "Los límites de la categoría que convencionalmente se denomina fraseología non son discretos, pues los tipos de unidades léxicas que abarca presentan algunos rasgos que se manifiestan em mayor o menor grado, y no necesariamente todos (Ruiz 1998: 12-3; Schapira 1999: 12-4; Cowie 1998: 1-8). Esto vendría a explicar una trayectoria de investigaciones fraseológicas poco homogéneas a la hora de delimitar su propio objeto de estudio." (cf. Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002: 1).

²⁶ "Esta heterogeneidad del fenómeno fraseológico en sí, el carácter abierto del conjunto de sus rasgos explica a su vez las discrepancias y vacilaciones a la hora de elaborar teorías o establecer clasificaciones (cf. Baránov y Dobrovól'skiĭ, 1996/1998). Asumiendo lo anterior, y siguiendo a Julio Casares (1950), entendemos aquí la fraseología en un sentido muy amplio, sin perjuicio de las borrosas - pero necesarias -, fronteras entre las distintas subclasses de unidades que dicho concepto puede llegar a abarcar." (cf. Iñesta Mena e Pamies Beltrán (2002: 1).

Eckert ratificara, em 1976, que as unidades fraseológicas são compostas, segundo a sua estrutura, de mais de uma palavra – um dos critérios invariavelmente afirmados pela literatura fraseológica –,²⁷ embora exerçam função "denominativa" (a de denominar ou nomear), cf. diz Klare (1986):

Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para nós um critério essencial [...]. Ressaltamos mais uma vez insistentemente o fato de que os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumulados no léxico. (1986: 355) (ênfase minha).

Já em 1947, Vinogradov estabeleceu - em sua pioneira classificação - que unidades podem funcionar como *frases* (incluindo-se, neste primeiro grupo, *provérbios* e *fórmulas ritualizadas/rotineiras*) ou como *palavras* (incluindo-se, neste segundo, *locuções*, *expressões idiomáticas* e *colocações*) (Cowie, 1998: 4).²⁸

O fato de as unidades fraseológicas poderem ter caráter frásico, ultrapassando os limites de colocações de palavras, em vários casos, é ratificado por Eckert (1976).

Para Klare (1986), os provérbios - que igualmente são construções fixas de frases - deveriam ser excluídos do campo da Fraseologia, tendo em vista seu caráter "não-denominativo" (não tendo a função de denominar ou nomear), ficando, por essa razão, sob a responsabilidade de outro domínio – a Paremiologia (1986: 357).

²⁷ Nesse sentido, a unidade fraseológica vem sendo chamada de "unidade polilexical" ou "expressão de múltiplas palavras" ("multiword expression", cf. Chitra Fernando, 1996: 3) ou "expressão pluriverbal fixa" (cf. Iñesta Mena e Pamies Beltrán, 2002: 1).

²⁸ Apud: Iñesta Mena e Pamies Beltrán, 2002: 3).

Na sua pesquisa descrita em "Lexicologia e Fraseologia no português moderno", Klare (1986) toma como objeto de análise os fraseologismos contidos nos vários romances escritos por um prestigiado romancista brasileiro - Jorge Amado. O fraseólogo diz da *questão-chave da determinação* dos fraseologismos, o que faz promover, por essa via, a diferenciação dos fraseologismos de outras "unidades denominativas". Para tal, Klare (1986), tomando como ponto de partida os critérios semânticos elaborados por Agrícola (1974), indica certos critérios que, para serem considerados suficientemente aplicados, não podem ser isolados, segundo ele. São os critérios seguintes: 1. *idiomaticidade*: critério central que diz da discordância entre "significado interno e externo" da expressão; 2. *estabilidade/ lexicalização*: pelo fato de nem sempre as locuções estáveis serem idiomáticas, tem-se, neste critério, a identificação de idiomatismos em que se observam restrições para a substituição de elementos; e 3. *reprodutibilidade*: o fato de os idiomatismos se reproduzirem como unidades denominativas fixas (1986: 358-60).

No âmbito da Fraseologia espanhola, pioneiro pode ser chamado o trabalho de Casares (1950; 1992), que classifica as unidades fraseológicas em *locuções e modismos* (reservando à Paremiologia, os provérbios e refrões). Seu livro, traduzido para o russo em 1958, faz supor que tenha exercido influência sobre as investigações russas, segundo acredita Corpas Pastor (1996: 11).

Contribui também para a Fraseologia do espanhol, Zuluaga (1980) - fraseólogo colombiano residente na Alemanha desde 1967 -, ao publicar, em Tübingen, sua tese doutoral sobre as expressões fixas espanholas, dividindo-as em: *locuções e enunciados*, entre os quais inclui os provérbios.

O livro de Zuluaga torna-se o único manual de Fraseologia Espanhola até que Corpas Pastor (1996), publica o seu, propondo uma nova e dupla partição: 1^a) a dos *enunciados fraseológicos*, fixos na fala (por sua vez divididos em *parêmiias* e *fórmulas rotineiras*); e 2^a) a das *unidades fraseológicas, não-enunciados-completos* (entre as quais distinguem-se as *colocações*, fixas na norma, e as *locuções*, fixas no sistema da língua).

Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002), a partir de Corpas Pastor (1996), sintetizam as unidades da Fraseologia espanhola: *locuções, colocações, expressões idiomáticas, fórmulas ritualizadas* ou *rotineiras*²⁹, (fórmulas de saudação, felicitação...) e *parêmiias* (provérbios, refrões, ditos, sentenças, aforismos, wellerismos, dialogismos etc.).

Os lingüistas ainda citam outras propostas de classificação fraseológica de tipo não-discreto, como a de Ruiz Gurillo (1998) que, a partir de um protótipo representado pela junção de fixação e idiomaticidade, vai estendendo-se a zonas mais periféricas: *locuções idiomáticas, locuções semi-idiomáticas, locuções meramente fixas, locuções semi-fixas, unidades sintagmáticas e combinações freqüentes*.

A respeito da Fraseologia francesa (com exceção de Saussure, Bally e Guiraud, cujas contribuições já foram antes mencionadas), Séchehaye, também discípulo de Saussure, em 1921, estabeleceu uma dicotomia entre *locuções* e *compostos de palavras*, conforme seus constituintes percam, ou não, a identidade semântica.

²⁹ Correspondentes aos "gambits" (noção inglesa de E. Keller, 1979), ou "gambitos", em espanhol (cf. Gallardo Pauls, 1991). Para uma classificação deste tipo de fórmulas, ver Corpas Pastor (1996) ou Ortweiler Tagnin (1989). Referem fórmulas ou expressões usadas como estratégias de conversação, cumprindo várias funções: de estruturação semântica, de sinalização do contexto social, da disposição de entendimento ou de controle da comunicação. (Cf. Iñesta Mena e Pamies Bertrán, 2002: 3).

Concomitantemente, De Boer (1922) estabelece limites entre a *sintaxe viva* ou *móvel* e a *sintaxe fixa* ou *locucional*, que compreende desde *interjeições* (*Soit!*), até *nomes próprios compostos* (*Châlon-sur-Marne*).

No trabalho de Marçalo (1994), fraseóloga portuguesa, encontramos uma classificação outra: não propriamente voltada para a identificação das expressões idiomáticas, mas para seu agrupamento por traços comuns. Para ela, o sistema fraseológico divide-se em três grandes áreas: 1) *locuções* (prepositivas - *em vez de*; adjetivas - *duro de roer*); 2) *colocações* (verbo+nome, em função sujeito: *correr um boato*; verbo+preposição+nome, em função objeto: *entrar em conflito*; advérbio+adjetivo: *diametralmente oposto*; adjetivo+nome: *grandes superfícies*); 3) *enunciados fraseológicos*, estes últimos subdivididos em *parêmiás*: *o cão é o melhor amigo do homem*; e *fórmulas de rotina*: *olá, tudo bem?*

Dentro de cada uma dessas áreas, diz a autora, as unidades fraseológicas agrupam-se de acordo com certos critérios, entre os quais: *categoria gramatical*, *função sintática*, *grau de mobilidade* ou *independência textual*.

Retomando a Fraseologia espanhola, verifica-se que, ao manual de Zuluaga (1980) e Corpas Pastor (1996), acrescentam-se as investigações de Ruiz Gurillo (1997-8) que, seguindo a classificação proposta por Wotjak (1983: 63-7), e integrando aspectos morfológicos, sintáticos, lexicólogos, semânticos, pragmáticos e sócio-psicolinguísticos, distingue entre: - *locuções*, equivalentes ao lexema simples ou ao sintagma e - *enunciados fraseológicos*, equivalentes a um enunciado.

Para tal, Ruiz Gurillo adere aos postulados da Escola de Praga, aplicando às unidades fraseológicas o "modelo de núcleo e periferia", em uma progressão gradual, que vai desde a regularidade até chegar ao que é da ordem da irregularidade – em um "*continuum* difícil de segmentar", conforme suas próprias palavras. Um contínuo entre os significados idiomático e literal também foi proposto por Vega-Moreno (2004: 305).

Assim, se tomada uma concepção estreita ou discreta da Fraseologia, somente seriam unidades fraseológicas as *locuções* (entre as quais, as *colocações*), de um lado, e as *frases proverbiais*, de outro. Se se adota uma concepção não-discreta, ou seja, a Fraseologia em sentido amplo, seriam ainda unidades fraseológicas os *refrões*, os *dialogismos*, os *aforismos*, o *vocabulário técnico* e as *fórmulas rotineiras*.³⁰

Lingüistas franceses ou francófonos investigam os fenômenos fraseológicos sob distintas perspectivas. González Rey, por exemplo, trabalha a Fraseologia lexicográfica, o que lhe permitiu a elaboração de um dicionário fraseológico: *Dictionnaire des expressions et locutions* (1997). Galisson, por sua vez, orienta sua Fraseologia para a Pedagogia (1976; 1984). Em perspectiva estruturalista e transformacionalista, situam-se as investigações de M. Gross (1982; 1988; 1994; 1996; 1998) e as de G.Gross (1995; 1997).

³⁰ Quanto aos demais especialistas em Fraseologia espanhola, Muñoz, Arroyo e González Rodríguez (1988, 1993-5) investigam no campo da Paremiologia; Conca (1999) e Conca e Guia (2000) estudam aspectos diacrônicos; Page (1990, 1993, 1995, 1996, 2000) investiga no campo da Fraseologia descritiva; Giro (1991, 1993, 1999) e Aguilar-Amat (1990) estudam a Fraseologia em perspectiva gerativo-transformacional, segundo Weinreich (1969/1974) (Cf. Corpas Pastor, 1995: 12).

Este último distribui as “unidades fraseológicas” a que chama genericamente de *expressions figées*, nas seguintes categorias: *noms composés, déterminants composés, verbes et locutions verbales, locutions adjectivales, locutions adverbiales y locutions prépositives et conjonctives*, todas em um *continuum* de menor a maior fixação, que se reflete nas possibilidades de transformação.³¹

González Rey (2002) fornece uma visão ampla da Fraseologia e, em particular, da Fraseologia francesa, distinguindo três domínios: 1. as *parêmiias*; 2. as *colocações*; 3. as *expressões idiomáticas*, estas em duas vertentes: a da língua geral e a das línguas de especialidade. Reservando as parêmiias para a Paremiologia, a investigadora faz a caracterização das *colocações* e das *expressões idiomáticas*. Estas últimas, que se reconhecem pela perda de seu significado próprio de alguns ou de todos os seus constituintes, e por seu caráter conotativo, incluem as *fórmulas rotineiras de interação social*.

Para a autora, todos os demais fraseologismos são *colocações*, a saber, combinações de palavras de caráter denotativo, cujos componentes conservam seu significado próprio que contribui para o significado global da colocação, inclusive as que G.Gross (1996: 72-8), denomina *constructions nominales à verbes supports*.³²

³¹ G. Gross segue a classificação tripartite de M. Gross (1993) dos verbos franceses (1. verbos usuais como *manger, donner* etc.; 2. verbos que são componentes de expressões fixas (idiomáticas, técnicas, metafóricas ou outras); 3. verbos de suporte, semanticamente vazios, que se apóiam em um predicado nominal que suportam tempo e aspecto. Apud: Corpas Pastor, 1996: 14.

³² Apud: Corpas Pastor, 1996: 13-4.

Note-se que, nesta retrospectiva panorâmica, mas não exaustiva, da Fraseologia, os estudos apresentam uma forte tendência descritivista, com cada estudioso estabelecendo sua taxonomia fraseológica, e invariavelmente a partir da noção de “unidade fraseológica”.

Ratificam essa observação, os pesquisadores Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002), quanto dizem da variabilidade de tipologias, tributária à variabilidade de critérios:

Estabeleceram-se distintas tipologias, resultado de perspectivas e análises diferentes, respondendo a critérios formais ou estruturais (*tipos de componentes, estrutura gramatical, figuras retóricas*), ou a critérios semânticos (*especialização semântica, idiomaticidade*). (p. 2). (grifo meu e de minha tradução).³³

Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002) citam ainda, segundo seu ponto de vista, as tipologias fraseológicas mais representativas:

...V.V.Vinogradov (1947 [*apud*: Mironesko, 1997]); Amosova (1963); Shanskiĭ (1985), para o russo. Chernuisevha (1964), para o alemão. Makkai (1972), Zgusta (1967, 1971), Gläser (1968), Howarth (1996), para o inglês. Stella Ortweiler Tagnin (1989) para o português [do Brasil]. M.Gross (1988, 1993), Schapira (1999) ou González Rey (2002), para o francês. Julio Casares (1950), Alberto Zuluaga (1980) ou Gloria Corpas (1996), para o espanhol; sem esquecer a classificação de Julia Sevilla (1993), para os provérbios franceses e espanhóis.

³³ "Se han establecido distintas tipologías, resultado de perspectivas y análisis diferentes, respondiendo a criterios formais o estructurales (tipos de componentes, estructura gramatical, figuras retóricas), o a criterios semánticos (especialización semántica, idiomaticidad)" (Iñesta Mena e Pamies Bertrán, 2002: 2).

O número de subclasses pode variar em função dos limites que cada concepção estabeleça sobre o âmbito fraseológico... (p. 2-3) (de minha tradução).³⁴

Mais recentemente, a questão idiomática vem sendo discutida no continente europeu numa outra perspectiva que, entendo, pode ser perfeitamente ilustrada pelas palavras de Luque Durán & Manjón Pozas (1998):

A teoria clássica que estuda os fraseologismos e construções idiomáticas, contudo, não aprofunda sobre como e por quê uma série de palavras têm um determinado significado. Tradicionalmente, os estudos sobre o tema dão como suposto que os fraseologismos têm um significado arbitrário, ou seja, o mesmo que as palavras simples [...]. Poder-se-ia dizer que os fraseologismos têm mais carne e sangue que as palavras normais e que estão muito mais diretamente integrados e vinculados a fenômenos culturais e ideológicos. (1998: s/p.) (tradução minha).³⁵

Pode-se dizer que Luque Durán & Manjón Pozas (1998) dirigem uma crítica à teoria clássica e deixam ver que uma reflexão lingüística sobre a manifestação idiomática teria que incluir considerações a respeito do falante - "carne e sangue" - ou seja, reconhecer na dinâmica discursiva, a presença de um corpo.

³⁴ ...V.V.Vinogradov (1947), Amosova (1963), Shanskiï (1985), para el ruso, Chernuisevha (1964), para el alemán, Makkai (1972), Zgusta (1967, 1971), Gläser (1968), Howarth (1996), para el inglés, Stella Ortweiler Tagnin (1989) para el português, M.Gross (1988, 1993), Schapira (1999) o González Rey (2002), para el francés y Julio Casares (1950), Alberto Zuluaga (1980) o Gloria Corpas (1996), para el español, sin olvidar la clasificación de Julia Sevilla (1993), para las paremias franceses y españolas. El número de subclases puede variar en función de los límites que cada concepción establezca sobre el ámbito fraseológico...". (Iñesta Mena e Pamies Bertrán, 2002: 2-3).

³⁵ La teoría clásica que estudia los fraseologismos y construcciones idiomáticas, sin embargo, no profundiza en cómo y por qué una serie de palabras tienen un determinado significado. Tradicionalmente, los estudios sobre el tema han dado por supuesto que los fraseologismos tienen un significado arbitrario, es decir, lo mismo que las palabras simples[...]. Podría decirse que los fraseologismos tienen más carne y sangre que las palabras normales y que están mucho más directamente integrados y vinculados a fenómenos culturales e ideológicos. (Luque Durán e Manjón Pozas, 1998).

Isso porque o corpo humano seria a imediata referência que os indivíduos teriam para avaliar o mundo e avaliar-se no mundo. O que dizem tais estudiosos é que, em todas as línguas do mundo, existe uma estruturação de nossa experiência diretamente ligada ao corpo humano e à forma como este interage com o ambiente.

A metáfora "carne e sangue" deve ser lida, portanto, no interior do modelo teórico a que os autores parecem se filiar: o biológico-cognitivista (ou cognitivista de base biológica).

Se esta panorâmica dos estudos fraseológicos deixa ver o "estado da arte" na Europa, em que a "descrição" da "unidade idiomática" assume um papel essencial, cumpre ressaltar que o campo sobre os estudos idiomáticos encontrou seus fundamentos nos Estados Unidos, inicialmente no trabalho do dinamarquês Jespersen (1924/1965) que, em *The Philosophy of Grammar*, assim define o idiomatismo:

[...] um constituinte de uma série de constituintes para os quais a interpretação semântica não é uma função composicional dos constituintes dos quais ele é composto. (1924/1965: 2)³⁶ (tradução minha).

Esse lingüista retomara, em sua pesquisa, a problemática do sintagma livre e reconheceu ao mesmo tempo, já em 1924, a presença do sintagma fixo, unidade formulaica da fala coloquial, procurando discutir sua função/papel na linguagem.

³⁶ " [...] a constituent of series of constituents for which the semantic interpretation is not a composition function of the formatives of which it is composed." (Jespersen, 1924/1965: 2).

Coube a ele, no continente americano, a precedência ou a primazia da formulação da hipótese de que as expressões idiomáticas implicariam uma aquisição - e uso - "em bloco". Base para a proposição de que elas seriam "estruturas fixas", ou seja, invariáveis do ponto de vista sintático-semântico.

Esse entendimento que, pouco a pouco, tornou-se consensual entre os pesquisadores,³⁷ fundamentou-se na crença de que o idiomatismo corresponderia a uma entidade única, léxico-semântico-sintática. Assim, ao idiomático *bater as botas* corresponderia 'morrer'.

Há um pressuposto básico a essa concepção: o de não-aplicabilidade da análise gramatical aos constituintes idiomáticos. Assim, é que estes se veriam destituídos de seu estatuto categorial (verbo, nome, artigo etc.). Como se pode deduzir, o idiomatismo é considerado, nessa linha de reflexão, uma entidade que não dispõe de partes para a análise sintático-lexical. Suas propriedades colocam-se, desse modo, aquém do cálculo gramatical, ou seja, elas tornam-se impermeáveis a seu cômputo. O "bloco" idiomático reduz-se a suporte formal para um significado único, fixo, estável, atribuível àquele todo.

³⁷ Ver também Bar-Hillel (1955); Alexander (1978; 1985); Schemann e Schemann-Dias (1991); Barz (1992); Lopes Macário (1992); Hundt (1994); Dobrovolskij (1995;1999;2005); Martins-Baltar (1995;1997); Fleischer (1997); Kavka (2004); Becker (1993); Machado (1996); Pratt (1994), Cacciari (1988;1989;1991-1995;2005); Mejri (1997-1999; 2001; 2003). No Brasil: Rodrigues Lapa (1979); Nascentes (1986); Pereira da Silva (1985); Tagnin (1987); Xatara (2001), dentre outros.

Trabalhos representativos dessa posição são principalmente os de Weinreich (1966/1969); de Chafe (1970) e de Fraser (1970), na perspectiva gerativo-transformacional;³⁸ e de Makkai (1965/1972), sob um ponto de vista da gramática estratificacional.

Todos eles partilham da concepção semântica assumida por Jespersen (1924/1965), mas cuja paternidade tanto Weinreich, quanto Makkai, revelam que se deve à tradição dos fraseólogos soviéticos (como Vinogradov, Amosova, Babkin, Sanskij, Mel'cuk e outros).³⁹

Weinreich (1966/1969) define idiomatismo como "uma unidade fraseológica que envolve pelo menos dois constituintes polilexêmicos, e na qual há uma seleção contextual recíproca de sub-sentidos" (1969: 42)⁴⁰ (tradução minha).

Já para Chafe (1979), os idiomatismos são exemplos claros de combinações de morfemas, sendo que estes morfemas - em si ou como constituintes - não podem ser considerados como unidades semânticas.

Chafe exemplifica a questão idiomática com esta frase: *Henry is dragging his feet* ('Henrique está fazendo hora') que, de acordo com seu ponto de vista, não obtém seu significado a partir da simples associação dos significados de *drag* ('arrastar') e *feet* ('pés'). 'Temporizar', 'demorar', 'fazer hora' é, de fato, o que se presentifica: significado que, segundo Chafe, não coincide com a combinatória dos constituintes *is dragging his feet*. Não coincide, e ainda ultrapassa tal combinatória.

³⁸ Nesse momento da gramática gerativa, a transformação era conceito e operação fundamental.

³⁹ Cf. Chitra Fernando (1996: 4).

⁴⁰ "A phraseological unit involving at least two polysemous constituents, and in which there is a reciprocal contextual selection of subsenses will be called an idiom." (Weinreich, 1969: 42).

A hipótese transformacional chafiana é a de que algumas unidades semânticas têm que se transformar em configurações de outras unidades, antes que possam receber a interpretação fonológica, na estrutura superficial (ES): no caso do citado idiomático ‘temporizar’, este teve que se transformar na configuração pós-semântica de *to drag one’s feet*, ‘arrastar os pés’, antes que fosse convertido em som. Como se daria historicamente a passagem do sentido literal ao idiomático?

Segundo ele, num estágio anterior do inglês *to drag one’s feet* teria somente o significado literal; em um dado momento da história do inglês, ocorreu uma alteração, a que chamou de *idiomatização*, que levou à criação de uma nova unidade semântica, tendo havido um aproveitamento do material fonético com um papel apenas pós-semântico.

Isso significa, entretanto, que Chafe partilha da mesma crença dos demais lingüistas citados que, ao se prenderem ao significado, desconsideram o valor da cadeia estrutural dos constituintes idiomáticos. Essa explicação evidencia que, à análise de Chafe, importa o produto das transformações sofridas pela expressão; sua análise é centrada na unidade lexical *per se*, além de não explicar propriamente quais os processos que responderiam pela *idiomatização*.

Makkai (1972), por sua vez, no livro *Idiom Structure in English*, uma versão estendida de sua tese de doutorado (1965), segue a tradição da fraseologia soviética, assim como a tradição inglesa de Weinrich (1966/1969), dentre outros, reservando o termo "idiom" para "unidades constituídas de pelo menos duas palavras".

Assim ele se refere a certos tipos de enunciados que "têm um significado adicional, não-dedutível, além da soma dos lexemas constituintes e padrões de construção que os constituem..." (tradução minha).⁴¹

Ele busca explicar os idiomatismos à luz da teoria da gramática estratificacional e propõe uma categorização em três áreas de idiomaticidade, baseadas no que define o *Oxford English Dictionary* (1989):

Uma forma de expressão, construções gramaticais, frase etc., peculiares a uma língua; uma peculiaridade da fraseologia aprovada pelo uso da língua, e tendo freqüentemente um significado outro do que aquele gramatical ou lógico⁴² (1972: 4) (tradução minha).

Segundo Makkai (1972), a primeira área de idiomaticidade é a dos *idiomatismos lexêmicos*, que inclui os "phrasal verb idioms" (ex.: *go away*, 'ir embora'; *come up*, *trazer à tona*); "tournure idioms" (ex.: *to kick the bucket*, *bater as botas*='morrer'); "irreversible binominals" (ex.: *back and forth*, 'para a frente', *by and large*, 'geralmente falando...'); "phrasal compounds"⁴³ (ex.: *big shot*, 'manda-chuva', *black bottom*, 'falta de base'); "incorporating verbs" (ex.: *to baby-sit*, 'pajear'), *to apple-polish*, 'bajular'; "pseudo-idioms" (ex.: *chit-chat*, 'bate-papo', *spick and span*, 'em boa ordem').

⁴¹ "...have an additional, nondeducible meaning above the sum of the constituent lexemes and patterns of construction that constitute them..." (Makkai, 1972: 17).

⁴² "A form of expression, grammatical construction, phrase etc., peculiar to a language; a peculiarity of phraseology approved by the usage of a language, and often having a significance other than its grammatical or logical one." (Makkai, 1972: 4).

⁴³ Compounds, 'compostos', são expressões que funcionam como um único item lexical ou apresentam graus variados de coesão entre seus constituintes, e com vários graus de motivação semântica. Runaround é termo de gíria, de sentido não-composicional: o sentido único, 'evasiva', 'anulação', nada tem a ver com o significado dos itens individuais. Blackberry, composto de black, 'negro'; berry, 'bagos', havendo, desta vez, uma relação composicional entre constituintes. Em português, tem-se embora [< contr. de 'em boa

A segunda área, a dos *idiomatismos semêmicos*, inclui: "proverbial idioms" (ex.: *Don't wash your dirty linen in public*, 'não lavar roupa suja em público'); "first-base idioms" (ex.: *to have two strikes against one*, 'dois contra'); "idioms of institutionalized politeness" (ex.: *May I...X?* 'Posso...X?'); "idioms of institutionalized detachment or indirectness" (ex.: *It seems to be raining*, 'Parece que vai chover'); "idioms of proposals encoded as questions" (ex.: *how about a drink*, 'Quer beber algo?').

A terceira área, a dos *idiomatismos hiper-semêmicos ou culturais*: os "idioms of institutionalized greeting" (ex.: *How do you do?*, 'Como vai você?') e "familiar quotations" (ex.: *Brevity is the soul of wit*, 'a brevidade/concisão é a essência do humor') (tradução minha).

Se, por um lado, pode-se tomar como vantajosa a organização do 'caos' do universo idiomático, por outro lado, o trabalho de Makkai não ultrapassa o nível descritivo e permanece na consideração de que o idiomatismo tem um significado único. Cabe assinalar que esse autor nada diz sobre como e por que os idiomatismos se manifestam nas línguas, não se detém numa discussão que envolva sua gênese⁴⁴, nem nas conseqüências ou efeitos de sentido para o falante/ouvinte.

hora`], atualmente esvaziado de seu conteúdo semântico; ex.: 'Foi embora, porque o mandaram embora'; ou como conjunção, 'ainda que', 'apesar de'. Já *overcoat* é composto: *over*, 'sobre'+*coat*, 'paletó', 'casaco'; em português, sobretudo [de *sobre*+*tudo*], 'casaco usado como proteção contra frio e chuva'. Outro composto idiomático é *pega-para-capar*, 'altercação, briga, tumulto'.

⁴⁴ O termo "gênese" é usado aqui no sentido de ter como relevante o "conjunto de fatos ou elementos que contribuíram para produzir uma coisa" (cf. Aurélio eletrônico); no presente caso, o percurso histórico mítico (por ser quase impossível determinar com precisão) de formação ou o surgimento abrupto de um idiomatismo na língua.

Fraser, por sua vez, apresenta-nos a seguinte definição de idiomatismo: "[...] um constituinte de uma série de constituintes para os quais a interpretação semântica não é uma função composicional dos termos dos quais ele é composto" (1970: 22) ⁴⁵ (tradução minha). Utilizando apenas o critério semântico - o que torna irrelevante o sentido de seus elementos formadores - esse autor identifica as expressões como idiomáticas, ou não.

Seu principal objetivo é explorar o potencial transformacional dos idiomatismos, muito variável, conforme ele observa, a ponto de propor uma hierarquia ou escala de seis níveis assim denominados por ele: nível 6 - não-restritividade (onde Fraser diz não ser possível encaixar qualquer idiomatismo); nível 5 - reconstituição (ex.: *lay down the law*, 'repreender com severidade'; nível 4 - extração (ex.: *add up to*, significar, indicar; nível 3 - substituição (ex.: *bring down the house*, 'provocar ruidosa ovação, aplausos'; nível 2 - inserção (ex.: *stick to*, 'ficar/continuar com'; nível 1 - adjunção (ex.: *kick the bucket*, 'morrer', 'bater as botas'. nível 0 - completo congelamento (ex.: *amount to*, 'totalizar, querer dizer').⁴⁶ (tradução minha).

A pesquisa de Fraser (1970) sobre o comportamento transformacional dos idiomatismos resultou frutuoso em vários sentidos - na categorização por graus dos idiomatismos; - por chamar a atenção para as modificações sofridas por essas expressões.

⁴⁵ "[...] an idiom as a constituent of series of constituents for which the semantic interpretation is not a compositional function of the formatives of which it is composed." (Fraser, 1970: 22).

⁴⁶ "Nível 6 - Unrestricted; Nível 5 - Reconstitution; Nível 4 - Extraction; Nível 3 - Permutation; Nível 2 - Insertion; Nível 1 - Adjunction; Nível 0 - Completely frozen." (Fraser, 1970: 22).

Como se vê, a categorização dos idiomatismos é um procedimento usual, adotado em trabalhos de muitos estudiosos do tema, inclusive no Brasil, como por exemplo, o de Tagnin (1987) e Xatara (2001), ambos realizados no interior do modelo semântico de Jespersen (1924). Os trabalhos de ambas as autoras representam um esforço de elaboração de dicionários contrastivos com outras línguas (inglês ou francês). Xatara segue o percurso categorial e Tagnin, a partir do conceito de “falante-ouvinte inocente” (Fillmore, 1979), que veremos mais adiante, busca identificar, definir, categorizar diversas unidades lingüísticas convencionais, no sentido de mostrar sua relevância para o ato tradutório.

A concepção semântica de Jespersen influenciou, ainda, a reflexão de Lehrer, segundo a qual,

Os idiomatismos têm sido comumente definidos como um grupo de palavras cujo significado não é predito de suas partes constituintes (1974: 186-7)⁴⁷ (tradução minha).

A autora retoma Fraser (1970), na sua hierarquia quanto ao grau de congelamento dos idiomatismos: do mais congelado, aquele que não pode sofrer qualquer transformação, até aqueles que podem sofrer uma grande alteração.

⁴⁷ "...idioms have usually been defined as a set of words whose meaning is not predicted from the parts." (Lehrer, 1974: 186-7).

Note-se que a discussão encaminhada por Lehrer, a partir de Fraser (1970), tem uma novidade: o reconhecimento de que a propagada fixidez das expressões idiomáticas não se sustenta plenamente, ou seja, também elas se abrem para deslocamentos de significado. Infelizmente, a autora não pôde ir além da constatação e encaminhar uma teorização alternativa na qual esse 'achado' ganhasse consistência teórica. Seus dados ficaram sem ressonância, ao que parece, no conjunto da sua reflexão.

Bolinger, em 'Meaning and Memory', de 1974, publicado em 1976, é outro estudioso cujo trabalho representa, inicialmente, uma ratificação da proposta de Jespersen, afirmando que os "[...] os idiomatismos têm significados que não podem ser deduzidos dos significados de suas partes".⁴⁸ (tradução minha). Ele expõe, por outro lado, o fenômeno idiomático a uma luz nova, ao criticar o prevalente "reducionismo" da gramática gerativa, ou seja, que a análise sintática e fonológica se dê apenas a partir de determinadas regras; a de palavras, a partir de determinados morfemas; e a de significados, a partir de determinados traços. Tais procedimentos analíticos não seriam favoráveis ou adequados à estrutura idiomática, evidentemente. Bolinger não demonstra, pelos seus dizeres, qualquer interesse pelo estudo de uma linguagem ideal e formal, à maneira de Chomsky.

Pelo contrário, Bolinger sugere um estudo sob orientação diferenciada, que envolva a linguagem ordinária concreta e, para isso, propõe que o estudioso da língua assuma, antes que um ponto de vista analítico, um ponto de vista idiomático.

⁴⁸ "Idioms... have meanings that cannot be predicted from the meanings of the parts." (Bolinger, 1976: 5).

A linguagem, argumenta Bolinger, dispõe de um número incalculável de "pre-fabs" [*ready made utterances/locutions toutes faites*],⁴⁹ armazenados pelo sentido em cada nível lingüístico e ainda com uma função altamente persuasiva, qualidades de que o falante, ainda que não-deliberadamente, faz-se valer a todo momento, mas que à maior parte dos lingüistas tais qualidades passam como de somenos importância.

Segundo o lúcido lingüista, "unidades lexicais maiores do que palavras [...] *idiomatismos* [...] dos quais as teorias reducionistas da linguagem não dão conta [...] [trata-se de] um fenômeno largamente mais persuasivo [e a que acrescento, com mais ubiquidade ou onipresença] do que imaginamos". (1976: 3)⁵⁰ (tradução minha).

Assim, em trabalho posterior, Bolinger (1978) lembra características essenciais da linguagem, interessantes de serem lembradas para a análise idiomática:

Idiomatismos, frases muito unidas, variam gradualmente em formas livres, por meio de colocações, clichês, e fórmulas ilucionárias. Os significados das palavras são indeterminados, não-ambíguos: a ambigüidade é uma 'ilusão semântica' do reducionista. A língua é uma criação plena de indeterminação e heterogeneidade, e qualquer teoria lingüística deve refletir isso. (1978: 11)⁵¹ (tradução minha).

⁴⁹ Sobre a caracterização idiomática como "discurso prefabricado": Salvador (2001: 19-31).

⁵⁰ "Lexical units larger than words...idioms...where reductionist theories of language break down...a vastly more persuasive phenomenon than we ever imagined." (Bolinger, 1976: 3).

⁵¹ "Idioms, tightly bound phrases, shade away gradually into free forms through collocations, clichês, and illocutionary formulae. Word meanings are indeterminate, not ambiguous: ambiguity is a reductionist's 'semantic illusion' Language is a creature full of indeterminacy and heterogeneity, and any linguistic theory must reflect this." (Bolinger, 1978: 11).

Bolinger também argumenta que a idiomaticidade possibilita um grau de persuasão, na linguagem, muito mais efetivo do que se possa pensar, e ainda ratifica a opinião de Hockett (1958), cuja concepção idiomática é de tal forma extensiva, a ponto de dizer que "[...] qualquer enunciado compõe-se na sua totalidade de um número integral de idiomatismos" (tradução minha)⁵². Fórmulas, idiomatismos, são elementos de extrema funcionalidade, pois independem, segundo Bolinger - para sua aquisição ou produção - de um trabalho de análise e síntese por parte do falante, assim como independem de regras gramaticais.

Ele acrescenta que a aquisição e o uso desses "blocos" inalisáveis, indivisíveis, de significado único [que eu diria "prêts-à-utiliser"], evocam a imagem de uma 'cápsula' que armazenaria - como uma "memória-envelope"⁵³ - toda a seqüência significativa de palavras implicada nos inúmeros idiomatismos da língua. (1976: 5).

Para Bolinger, tal armazenagem em "memória-envelope" se processaria de forma gradual e constante, especialmente na primeira infância, mas que estaria intimamente vinculada aos contextos situacionais nos quais irromperiam as manifestações idiomáticas.

Como se vê, o pesquisador, ainda que sem abrir mão da hipótese isomórfica de Jespersen (1924), traz sua contribuição ao querer localizar uma "memória-envelope" que responderia pela manifestação idiomática.

⁵² "[...] any utterance consists wholly of an integral number of idioms." (Hockett, 1958: 2).

⁵³ "Enveloping memory" (Bolinger, 1976: 1).

Cabe atentar, contudo, para o fato de que ele não explicita, em nenhum de seus trabalhos posteriores, os fundamentos teóricos que pudessem assegurar sua proposta. E mais: ele não justifica por que seria necessária ou relevante uma memória destinada apenas ao idiomático.

A problematização acerca dos idiomatismos, renovada de tempos em tempos por Bolinger, faz com que a análise idiomática siga frutuosa; ele não permite, assim, que suas observações desabem sob o peso de uma insistente massa de descrições e de classificações que se vão acumulando no campo fraseológico/idiomático; estas, ainda que minuciosas e detalhadas, destituídas o são, porém, de uma orientação nova ou divergente que pudesse reformular o idiomático-enquanto-problema no campo da Lingüística.

Voltando a Bolinger, pode-se dizer que ele marca ainda seu lugar no campo da Idiomatologia pela proposta do "gradualismo", inicialmente no capítulo "Collocations and Idiom", do livro *Aspects of Language*, de 1975. Graus de fixidez são demonstrados em construções sintáticas; liberdade, na substituição lexical e "especialização semântica", no nível frásico. Os idiomatismos, para Bolinger, oferecem, com efeito, graduação em colocações e ainda colocações em construções livres com ambas as características, a da *composicionalidade* e a da *produtividade*. Se bem que esse autor não explicita, nesse artigo, como entende ambas as características, estas podem ser pensadas a partir do que afirmam outros estudiosos da idiomatidade mencionados neste trabalho.

Katz (1972), por exemplo, é um dos autores que ratifica a concepção canônica de *composicionalidade*:

[...] qualquer (todo o) significado é uma função composicional dos significados de suas partes, enfim, de seus morfemas. Os idiomatismos são exceções que evidenciam essa regra. Locuções como '*bater papo*', '*causar encrenca/mexer em casa de marimbondo*' [...] não fazem sentido se forem construídas composicionalmente". (1972: 35)⁵⁴ (tradução minha).

Lyons (1982: 33), por sua vez, diz sobre a *produtividade* de um sistema lingüístico, que esta é propriedade que possibilita aos falantes construir e compreender um número indefinido de enunciados que jamais ouviram ou leram.

Cabe colocar em relevo que a linha de investigação proposta por Jespersen e assumida - integral ou parcialmente - pelos autores acima comentados, rompe - no âmbito mesmo do modelo semântico jesperseniano -, com o "princípio da composicionalidade", o qual, conforme Katz (1972: 35), concebe que o significado de uma expressão resulta da combinatória dos significados de suas partes constituintes.

Acreditam ainda os autores aqui comentados que o usuário da língua detém um saber correspondente à sua *competência*, que lhe possibilita integrar regras gramaticais e semânticas a fim de compreender as sentenças ouvidas.

É, então, no interior de uma hipótese da composicionalidade - que Fillmore (1979) diria "forte" -, subjacente ao modelo semântico jesperseniano, que se afasta a idéia de que o significado - único e fixo - possa ser referido a um todo indecomponível, ou mesmo de que ele resulte de qualquer conhecimento de mundo ou de qualquer efeito de natureza pragmática.

⁵⁴ "[...] any constituent's meaning is a compositional function of the meanings of its parts and thus, ultimately, its morphemes. Idioms are the exceptions that prove this rule. Locutions like 'shoot the breeze', 'stir up trouble' [...] make no sense whatever if construed compositionally". (Katz, 1972: 35).

Assim, termos como 'guarda-roupa' - composto por justaposição - teriam guarida nessa perspectiva, considerando que seu significado resulte da associação dos constituintes 'guardar' (verbo) e 'roupa' (substantivo). Entretanto, derivados sufixais, como 'prisioneiro' e 'carcereiro', não poderiam ser explicados por essa hipótese, o que os marginaliza nesses estudos lingüísticos.

Fillmore (1979) não ficou indiferente a tais fenômenos e, mobilizado por eles, sugere que o significado de uma expressão não pode ser determinado somente por sua estrutura léxico-sintática. Tal proposição fillmoriana deixa ver o confronto com o modelo de análise formal proposto por Chomsky (1965), além de estabelecer a necessidade de se considerar, nas análises, um "falante/ouvinte inocente". Vejamos por quê.

Para Fillmore, o "falante/ouvinte ideal", porque conhece os itens lexicais de sua língua e seus significados, pode reconhecer estruturas gramaticais que possibilitam sua combinação. Entretanto, sua *competência semântica* é vista em termos de composicionalidade, ou seja, o falante entende o sentido de um todo como uma "composição" ou "montagem" (nos termos do próprio Fillmore), a partir dos sentidos das partes; dessa forma, cada vez que uma estrutura reaparece ao falante, ela é tida como totalmente nova, e sentenças precisam ser por ele construídas para expressar, de forma tão direta quanto possível, aquilo que ele deseja dizer.

Por meio de vários exemplos idiomáticos, Fillmore chama a atenção, então, para a insuficiência explicativa de uma *hipótese forte de composicionalidade* que, segundo afirma, não daria conta do processo de significação. Para esse estudioso, além de nem todos os falantes terem a mesma competência lingüística, os idiomatismos, por sua vez, promovem diversidade e diferença no discurso ainda que sejam relativamente congelados; por tais qualidades, essas expressões não podem ser marginalizadas, devendo figurar no centro dos estudos lingüísticos.

A fim de superar as limitações de um modelo forte de composicionalidade, pôde-se postular uma *hipótese fraca de composicionalidade* no âmbito lingüístico, em cuja base está a pressuposição de que as partes não dão conta do todo significativo, quando separadas linearmente. Fillmore lança mão, então, de um procedimento que é envolver o falante em suas observações: o dito "falante-ouvinte-inocente/ingênuo". Postulação que reforça sua hipótese de que o significado não reside na forma; o falante tem o poder de alcançá-lo, segundo o autor, por meio de grandes redes de integração conceptual, que envolvem vários aspectos de nossa corporeidade e de nosso conhecimento cultural e social (Fillmore, 1979).

"Falante-ouvinte-inocente/ingênuo" é termo atribuído por Fillmore a um aprendiz de uma determinada língua estrangeira e que desconhece as convenções dessa língua. Tagnin (1989) que se baseou em sua pesquisa idiomática em Fillmore (1979), exemplifica tal postulação fillmoriana:

[tal aprendiz] não saberia que *prisoner* (prisioneiro) e *jailer* (carcereiro) significam coisas diferentes. Por que deveriam ser diferentes? Afinal, ambas são formadas por uma base *prison* (prisão) e *jail* (cárcere) que significam "casa de detenção" ou, em inglês, "a building where wrong-doers are locked up", mas acrescidas de um sufixo agentivo *-er*. Como se explica, então, que um *prisoner* é "a person kept in a prison" (uma pessoa mantida numa prisão), enquanto um *jailer* é "a man in charge of a jail" (um homem encarregado de uma prisão)?

Como o falante pode dar-se conta de tais diferenças?, é a pergunta que fica no ar a partir dos dizeres acima.

Tagnin (1989) ainda acrescenta que um "falante-ouvinte-ingênuo/inocente" também iria desconhecer, entre outras coisas, a ordem preferencial de *binômios estáveis* como: *cats and dogs*, 'cães e gatos'; *bed and breakfast*, 'cama e mesa', *knife and fork*, 'garfo e faca'. Também não saberia que há determinadas combinações fixas ou semi-fixas conhecidas como *colocações*, constituídas por substantivo+substantivo (*quality control*, "controle de qualidade"); substantivo+adjetivo (*elementary school*, 'escola-fundamental'); substantivo, como sujeito+verbo (*a volcano erupts*, 'o vulcão entrou em erupção'); ou verbo+substantivo, como objeto (*ask a question*, 'fazer uma pergunta'), e adjetivo+advérbio (*happily married*, 'felizmente casado'), dentre outras.

O desconhecimento do "falante-ouvinte inocente/ingênuo" se estenderia também às *fórmulas* da língua, principalmente as *fórmulas de rotina* (*Good evening, Have a nice day, I'm really sorry*) e as *fórmulas situacionais* (*Break a leg, It takes one to know one, Have it your way*).

Em suma, o "falante-ouvinte-inocente/ingênuo" não se daria conta de que grande parte da língua é formada de partes "pré-fabricadas" ou expressões prontas - as chamadas "unidades fraseológicas/idiomáticas" - que não são geradas no momento de uso, estando disponibilizadas *toutes-faites* na língua.

Configura-se a ingenuidade do falante-ouvinte - seja na produção ou na compreensão -, basicamente, em um entendimento equivocado do significado composicional de uma expressão.

A ingenuidade do falante pode transparecer tanto na sua habilidade de compreensão, quando na de produção. Em termos de compreensão, o falante pode não entender expressões idiomáticas como *rack and ruin*, 'ir pro brejo'; *to take the rap*, 'pagar o pato', por serem não-composicionais, ou seja, uma expressão cujo significado total não corresponde à combinação dos significados individuais de seus componentes. Ele pode não compreender muitas fórmulas discursivas por não conhecer as convenções sociais que determinam seu uso na língua-alvo. Pode também não compreender referências humorísticas que resultem da manipulação das categorias convencionais da língua. Por exemplo, não compreenderá um trocadilho como *fish and chimps* (de uma tirinha de Frank & Ernest em que um deles vê esse "prato" no cardápio e comenta: - It's probably a typo, but why take a chance?, 'Deve ser erro de grafia, mas pr'á quê arriscar?' -, a menos que conheça o binômio *fish and chips*. Por estranho que pareça, mesmo como falante-nativo, ele pode ter problemas, no nível de produção, para conseguir soluções naturais, caso se atenha tanto ao texto de partida, a ponto de não perceber que, entre formas igualmente gramaticais, uma delas é de uso mais corrente.

Em outras palavras, ele pode não se dar conta de que, dentro de uma gama de formas gramaticalmente *possíveis*, há certas formas que têm uma *probabilidade* maior de ocorrerem. Caso ele selecione uma dessas formas *possíveis*, em detrimento da mais *provável*, produzirá uma tradução não natural, não fluente.

Fillmore tem o mérito, a meu ver, de chamar a atenção para a equivocada simplificação da capacidade de entendimento do falante/ouvinte da língua prevista no âmbito do modelo semântico jesperseniano: bastaria que o falante/ouvinte memorizasse as frases-feitas que fosse ouvindo durante a sua vida, para depois ir inserindo-as em sua fala, o que facilitaria a enunciação verbal.

É preciso lembrar, como o faz Tagnin que, dependendo da situação, podemos todos ser "falantes-inocentes" em nossa própria língua materna. Como poderia um não-especialista conhecer os termos técnicos (em sua maioria, *colocações*) de certas profissões como medicina ou direito? Ou, como saberíamos o que dizer (usar as *fórmulas* corretas) em situações desconhecidas como, por exemplo, um velório, se jamais tivéssemos ido a um?

Nessa direção, qualquer teoria semântica que pretenda tratar o significado como uma construção, no lugar de uma simples seleção de "pré-fabs" [termos pré-fabricados), deve ir além do modelo semântico jesperseniano. Reforça tal consideração, a relevância que adquire o sujeito "encarnado" de Fillmore, ou seja, aquele que, segundo ele afirma, é portador de um conjunto de sistemas que inclui memória, percepção, experiências corporais e sócio-culturais.

Lakoff (1987), por sua vez, foi um dos primeiros pesquisadores americanos a postular que os idiomatismos geralmente se comportam como "signos motivados" (p. 448). Isso equivale a dizer que, para esse autor, eles são semanticamente transparentes para aquele que os utiliza e costumam refletir (ou apoiar-se em) alguma "realidade do entorno".

Note-se que há um forte apelo pragmático nas considerações de Lakoff, o que obriga reconhecer uma posição alternativa ao modelo clássico semântico. Sua hipótese coloca em cena uma relação direta entre coisas do mundo e palavras, sem abalar a da fixidez do significado. O "motivado", aí, diz da determinação externa (situacional) da linguagem.

A perspectiva funcional da linguagem postulada por Halliday vai ter também seus efeitos em Chitra Fernando (1997) que estuda os idiomatismos do ponto de vista de suas funções pragmáticas, em contexto de comunicação.

Para finalizar esta retrospectiva de cunho panorâmico, gostaria de assinalar que parece que se verificam dois movimentos em curso, na cena atual dos estudos fraseológicos/idiomáticos:

O *primeiro movimento* diz de uma adesão dos estudos ao cognitivismo. Duas novas propostas reclamam para si tal filiação, quais sejam:

1^a) a da "Desautomatização fraseológica/idiomática" [com uma grande produção sobre o "Défigement sémantique"]⁵⁵, ou uma nova versão do modelo cognitivista relativamente ao discurso;

⁵⁵ Nessa direção, parecem poder ser alocados alguns trabalhos, por exemplo, os de: Mena Martínez (2003); Bem Amor (2004); Alouini (2004); Bolly (2004)...

2ª) o da Fraseologia/Idiomatologia cognitivista⁵⁶, por influência da teoria cognitivista da metáfora, exposta em *Metaphors we live by*, livro de Lakoff & Johnson, de 1980/1992, a teoria mais em voga nos Estados Unidos.

Esta última teoria toma como ponto de partida que, na criação fraseológica/idiomática, intervêm tanto conceptualizações de caráter universal - já que se baseiam em determinações biológicas e psicológicas - como conceptualizações de caráter particular, que se baseiam em elementos culturais particulares a uma sociedade.

O *segundo movimento* em curso na cena atual dos estudos idiomáticos diz respeito ao fato de que atualmente há um forte debate no campo relativamente ao recorte deste objeto - o idiomatismo/unidade fraseológica - e sua pertinência (ou não) ao campo da Linguística ou, mais especificamente, a suas sub-áreas. Reivindica-se não mais o abarcamento do fraseológico/idiomático pela Lexicologia/Fraseologia, mas situá-lo num outro domínio autônomo de investigação, correspondente a uma nova área do conhecimento.

De um lado, a investigação fraseológica/idiomática russa, por exemplo, tende a assumir essa posição de desligamento da Lexicologia.

Argumentam os defensores dessa posição que sua reivindicação parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas etc.) ou idiomatismos dispõem de especificidades próprias e discernentes; resta, contudo, a questão de se saber se essas especificidades seriam suficientemente decisivas para tal cisão.

⁵⁶ Parece que muitos trabalhos nessa direção podem ser já indicados: por exemplo, os de: Gibbs (1990,1993,1995); Cacciari e Tabossi (1993); Corpas Pastor (1997); Luque Durán e Manjón Pozas (1998); Ruiz Gurillo (1997, 1998, 2001); Wotjak (1998); Baranov e Dobrovol'skij (1999); Sancho (1999); Pamies (2002; 2003;2004;2005;2006); Csábi (2002); Mellado (2005); Ruiz Gurillo e Mena Martinez (2006).

De outro lado, o pertencimento da Fraseologia ao campo da Lexicologia tem seus adeptos. Klare (1986) ressalta insistentemente o fato de que os fraseologismos têm uma "função denominativa", como simples palavras e, como tal, devem continuar sob o léxico:

Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí, resulta, para nós, um critério essencial para a classificação da fraseologia no campo geral da lexicologia como subdisciplina lexicológica. (1986: 355).

Seu ponto de vista é ratificado pelos pesquisadores alemães: B. Hansen; K. Hansen, A. Neubert, M. Schentke. Assim, para estes, a Fraseologia não deve ser separada da Lexicologia.

Concepções diferentes, porém, são representadas, na Alemanha, por investigadores fraseológicos como Oaniels, Pilz e Háusermann, que analisaram os problemas principais da Fraseologia alemã, também na base de resultados russos de investigação, em publicação de 1977, em Tübingen.⁵⁷

⁵⁷ Cf. Klare (1986).

O modelo dominante que movimenta esse desejo de cisão, como já dito, é o cognitivismo norte-americano. Do meu ponto de vista, isso se deve ao fato de que foi no seu interior que se reconheceu que, no modelo semântico jesperseniano, há um problema no tratamento da questão idiomática, qual seja: a abordagem dessas manifestações lingüísticas como se ninguém as falasse.⁵⁸

Mas, como se vê, desse reconhecimento desdobrou-se outro: a complicada tarefa de incluir o falante na problematização sobre a fala. Dificuldade tão extrema que muitos estudiosos chegam a pensar que, apenas no âmbito de uma outra ciência - que não a Lingüística -, é que se poderia tomá-la como proposição problemática.

⁵⁸ Não devemos nos esquecer, porém, de que já em 1883, em "Les lois intellectuelles du langage-Fragment de Sémantique", Bréal dizia das condições discursivas imprescindíveis para a análise, dentre outros aspectos que se mantiveram no decorrer de sua obra: 1. as questões de significação não podem ser tratadas pela via etimológica, mas pela consideração de seu emprego; 2. é preciso considerar a palavra nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas frases em que aparecem [...]. Considera-se em demasia as palavras isoladamente. É muito fácil tomar uma palavra à parte e traçar sua história, como se ela não tivesse sido coagida, realçada, ligeiramente nuançada ou completamente transformada pelas outras palavras do vocabulário, no meio das quais ela se encontra colocada e das quais recebe a influência própria ou longínqua. Tomar uma palavra à parte é um método quase tão artificial quanto dar, como se é obrigado fazer em fonética, a história de uma vogal ou de uma consoante. As letras não têm existência senão nas palavras, as palavras não têm existência senão nas frases." (1883: 133). Ao que eu acrescentaria: os efeitos de sentido idiomático só têm existência ou não fazem sentido senão nas próprias manifestações idiomáticas - nível dialógico em que se articulam língua-fala-falante.

Capítulo I

Idiomatismo: uma questão para a Lingüística

A afirmativa contida no título acima diz da hipótese que movimentarei nesta tese, a de que as manifestações idiomáticas são manifestações lingüísticas e, como tal, reclamam lugar no campo de investigação da Lingüística. Se levarmos em conta a retrospectiva realizada anteriormente, concluímos que o idiomatismo não alcançou, de fato, a dignidade de objeto privilegiado de investigação. Isso porque, no modelo semântico jesperseniano, ele comparece, muitas vezes, como contraponto às análises - semânticas, sintáticas -, ou seja, como argumento contrastivo⁵⁹ e, no modelo cognitivista, o idiomatismo serve apenas para indicar o submetimento da linguagem à cognição, o que deixa em descoberto sua marginalização.

⁵⁹ Referências a idiomatismos nessa função de argumento contrastivo ou ‘testemunho’ a favor de hipóteses aplicadas a outro fato da língua podem ser encontradas em Katz (1972: 35), Lehrer (1974: 185), Palmer (1976: 98-9), Chomsky (1981: 114-6), Carlson & Roeper (1981: 155), Lemle (1984: 106; 146-7).

Interessante é que mesmo nesses modos enviesados de abordagem, algumas questões relevantes foram, a partir deles, suscitadas. Entre elas, figuram, principalmente a sustentabilidade (ou não) de uma concepção binária do signo lingüístico - que envolve simetria e fixidez do significado - e considerações iniciais sobre a necessária inclusão do falante no âmbito desta reflexão.

Se a circunscrição da primeira já produziu um abalo relativamente ao seu estatuto no campo dos estudos lingüísticos, mais especificamente no modelo semântico jesperseniano, a segunda suscitou um almejado movimento de ruptura com a Lingüística, por meio da tendência que se intitula de "Défigement sémantique", pela linha cognitivista da Fraseologia e também pelo desejo de autonomização recentemente acentuado por áreas conexas como a Idiomatologia, a Fraseologia e a Paremiologia.

Entretanto, se levarmos em conta a noção de signo introduzida por Saussure na teoria do valor, talvez possamos trazer uma nova luz à problematização sobre os idiomatismos. Isso porque é nesse espaço conceitual que se processa uma ruptura com uma concepção ideacional de signo e, como afirma Túlio de Mauro (1916/1993), encontra-se uma "chave" para a discussão que envolve a relação língua-fala-falante, conforme seus dizeres:

A concepção saussuriana de língua como sistema idiossincrônico, em conexão com a distinção entre execução e sistema, não só não se opõe ao estudo sincrônico, mas lhe confere uma base rigorosa. Vale a pena acrescentar que essa mesma concepção de língua [...] permite esclarecer outros problemas [...]; a nosso ver, sem dúvida, Saussure dá a chave para reconhecê-los corretamente (1916/1993: 36).

Se, por um lado, Saussure não inclui, no rol de suas reflexões, a articulação língua-fala-falante, insiste, porém, por outro lado, que "os indivíduos, em larga medida, não têm consciência das leis das línguas" (1916/1970: 87).

Note-se que tal afirmação abre um campo de questões para os investigadores que, como eu, têm como objetivo discutir a fala viva.

Portanto, na perspectiva instaurada por Saussure, vemos que se configura um espaço que se oferece como alternativa à reflexão sobre os idiomatismos - manifestações lingüísticas - e os efeitos de sua ocorrência para os falantes de uma língua. É essa a discussão que ora encaminho.

1. Idiomatismo e a questão da unidade e da segmentação

Falar em "unidade" exige que se leve em consideração a complexidade dessa questão, o embaraço dos pesquisadores ao tentar delimitá-la e o seu escopo, se aplicada à investigação sobre o *idiomatismo* que, como já disse, pode referir fenômenos lingüísticos diversos.

Esclareço, de saída, que idiomatismo diz respeito, neste trabalho, a “frases-feitas predicativas” (na forma de um predicado estendido, à maneira de Rothstein (1982)).⁶⁰

Não se pode falar em “unidade lingüística” sem antes recorrer a Saussure⁶¹, lingüista que afirma sua essencialidade e, a um só tempo, problematiza-a. Cumpre notar que no *Curso*⁶², a proposição de que a língua seja constituída de *unidades em-si* é completamente subvertida.

Como se sabe, a construção teórica saussuriana parte de uma inovadora teoria sobre o signo, na qual ele é concebido estruturalmente, a partir de uma ruptura com a concepção tradicional filosófica, que via a unidade lingüística como uma associação axiomática entre um conceito (ou nome) e um objeto (ou uma coisa do mundo). O gesto saussuriano representa, portanto, como diz Milner (2002), a recusa da inquestionada relação assimétrica entre esses dois pólos.

O conceito saussuriano de signo lingüístico traz à luz a proposição de que o vínculo associativo entre imagem acústica e conceito é, ao contrário, simétrico. Isso equivale a dizer que, ao mesmo tempo, os elementos colocados em relação – que passaram a ser nomeados “significante” e “significado”, respectivamente - pertencem a um mesmo domínio e se constituem reciprocamente.

⁶⁰ O que engloba SVs-Sintagmas Verbais como: botar a boca no mundo, estar numa saia justa; SNs-Sintagmas Nominais como sapo engolido, degustação de sapos; ou SPs-Sintagmas Preposicionados como: de mala e cuia, com um pé nas costas) (cf. discuti em dissertação de mestrado citada nas referências finais).

⁶¹ Fala-se, aqui, do Saussure do *Curso* (1916; apud 1970), para quem o princípio da unidade lingüística funda a prática do estudioso da língua, nas operações de comutação, de comparação etc.

⁶² Relembre-se que *Curso* é o *Curso de Lingüística Geral*, publicado em 1916, post-mortem de seu autor, Ferdinand de Saussure, e organizado por dois discípulos seus, Bailly e Séchehay.

É importante notar, como o fez Milner (2002), que esses "novos" termos indicam muito mais que uma mera mudança terminológica. O que está em jogo, de fato, é uma mudança conceitual que se funda na idéia de que a associação entre eles remete a um encontro contingente, tema da postulada arbitrariedade do signo. Vejamos como essa novidade é encaminhada por Saussure.

A relevância teórico-metodológica de se discutir a unidade lingüística - busca obstinada de Saussure - é apontada por De Lemos (1995) que, na reflexão que encaminha, retoma a fala de Saussure a Gautier, quando o primeiro reconhece: "... oui, ce qui est *essentiel*, c'est le problème des *unités*."⁶³ (ênfase minha). Apesar de ser considerada pelo lingüista genebrino tarefa obrigatória aos lingüistas, a depreensão das unidades acarreta, de acordo com ele, reais dificuldades:

[...] sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato [...] a língua apresenta, pois, este caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui. (1916/1970: 123-4).

Note-se que Saussure dá a chave para que se enfrentem os embaraços que se impõem à delimitação de unidades lingüísticas: atentar para o "jogo" no qual elas são constituídas. Ele nos impele a considerar que "unidade" não pode ser identificada à palavra porque:

⁶³ Dito em conversa com Gautier, em 6 de maio de 1911; apud: GODEL (1957/1969).

[...] muitas palavras são unidades complexas, nas quais é fácil distinguir subunidades (sufixos, prefixos, radicais); derivados como *desej-oso*, *desdit-oso* se dividem em partes distintas cada uma das quais tem um sentido e um papel evidentes. Inversamente, existem unidades maiores que as palavras: os compostos (*caneta-tinteiro*), as locuções (*por favor*), as formas de flexão (*tem sido*) etc.

Essas unidades opõem à delimitação, porém, as mesmas dificuldades que as palavras propriamente ditas, e é difícil desenredar, numa cadeia fônica, o **jogo** das unidades nelas contidas e dizer sobre quais elementos concretos uma língua opera. (1916/1970: 22-3) (ênfase minha).

Note-se que sua insistência recai no “jogo”, explicitado aqui como o modo de operar da língua. Ponto que, sem dúvida, interessa à questão idiomática, abordada neste estudo. Basta considerar que os idiomatismos sejam “unidades maiores que palavras”⁶⁴, ou “mais complexas”, que relacionam significantes e significados de modo bastante singular. Mas, cumpre indagar: o que nos diz Saussure sobre a natureza da unidade da linguagem? Ele afirma, por exemplo, que:

[...] a unidade não tem nenhum caráter fônico especial e a única definição que dela se pode dar é a seguinte: *uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito.*” (1913/1970: 120) (ênfase do autor).

⁶⁴ A respeito de “palavra”, Ilari diz que “a própria noção de ‘palavra’ pode variar muito de língua para língua...”, assim como, segundo ele, pode-se “... admitir que uma palavra se caracteriza por não poder ser, normalmente, interrompida por uma hesitação da fala...”; e ainda: “É interessante observar que, segundo esse critério, as expressões idiomáticas, do tipo 'Bater as botas', também são palavras, pois não podem ser interrompidas” (2000: 95).

Corresponderia, então, a unidade ao signo lingüístico? Nos termos da primeira parte do *Curso*, sim. Afirmação que se ratifica nas seguintes referências: “a unidade lingüística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos.” (p. 79)⁶⁵.

Ou, em outro ponto do *Curso*: “o signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” (p. 80). E, ainda: “o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito⁶⁶ e uma imagem acústica” (p. 80). O signo é, nessa perspectiva, uma entidade bifacial, de termos simétricos e recíprocos, como já assinalei. Reciprocidade colocada em relevo nas seguintes afirmações: “uma seqüência de sons só é lingüística quando é suporte de uma idéia (p.119). E, ainda: “eles [os conceitos] só se tornam entidades lingüísticas pela associação com imagens acústicas” (p. 119).

Interessante notar, porém, que o par “significante/significado”, introduzido no âmbito da postulação inovadora de Saussure, tornou-se tão corriqueiro na literatura lingüística que a novidade por ele referida – a simetria – foi apagada em favor de uma noção ideacional de signo, como bem assinala Lahud (1977).⁶⁷

⁶⁵ Mas como se verá mais adiante, a descrição de signo da primeira parte do *Curso* está longe de configurar uma real concepção saussureana de signo ou de unidade lingüística. Saliente-se que as análises feitas por Saussure dos anagramas (de 1906-9), que privilegiam o signo enquanto unidade lingüística, quase que coincidem cronologicamente com os cursos orais ministrados na Universidade de Genebra (1907, 1908-10 e 1910-1).

⁶⁶ Ao falar em “conceito”, Saussure marca bem a natureza psíquica do significado e exemplifica: o significado da palavra “boi” não é o animal “boi”, mas sua imagem psíquica.

⁶⁷ Lahud (1977: 30).

É bom ressaltar, ainda, que, na teoria do valor, essa proposição afirma o caráter processual, relacional do signo lingüístico que, assim, é destituído de qualquer positividade, de qualquer “em-si” - “um signo é o que os outros não o são” (*Curso*: 136) - e passa a ser definido por seu lugar sistêmico, dependente, portanto, do “jogo” da língua, ou seja, da relação que venha a estabelecer com outros significantes do sistema.

Nessa perspectiva, “unidade” é sub-produto de relações (sintagmáticas/paradigmáticas), e significado, como atenta o lingüista, não se confunde com valor lingüístico.

Como se vê, a discussão sobre a “unidade lingüística” interessa a este trabalho à medida que a discussão do campo sobre os idiomatismos (cf. Introdução) já sinalizava para o fato de que significante e significado não entretêm entre si uma relação biunívoca, fixa - na qual uma forma estaria intrinsecamente atrelada a um sentido.

É Saussure mesmo quem nos chama a atenção para a questão que envolve o “deslocamento fatal do signo”, quando afirma que “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante” (p. 90). E é certamente na teoria do valor – em que a língua se apresenta como motor de relações – que o lingüista genebrino dá um passo no sentido de desatrelar significante e significado. Passo que permite inclusive pensar que é no âmbito do funcionamento da língua⁶⁸ que sentidos/significações podem ser fixados e/ou desestabilizados/deslocados. Vejamos como tal discussão é encaminhada pelo lingüista.

⁶⁸ Funcionamento da língua diz aqui do registro da fala em que se instanciam redes de relações metafóricas e metonímicas entre cadeias, relações estas desencadeadas por significantes que circulam na fala.

Saussure, atento a seu mestre Bréal - que lhe sugerira o rompimento com a noção clássica de signo e de língua como “sistema de signos (unidades)” -, toma a noção de valor como regente de todo o fato de língua. O reconhecimento da possível coexistência harmoniosa de múltiplos sentidos ligados a uma “forma” já havia sido atestado por Bréal:

[...] o sentido novo, qualquer que seja ele, não acaba com o antigo. Ambos existem um ao lado do outro. O mesmo termo pode empregar-se alternativamente no sentido próprio ou no sentido metafórico... À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no *valor*. (1992: 103) (ênfase minha).

Bréal, como se vê, faz referência a “valor” mas, estaria ele se referindo ao mesmo sentido de “valor” que Saussure?

Pode-se dizer que não. “Valor”, para Bréal, remete mais à polissemia ou ao fato de uma mesma palavra, enquanto fato lingüístico, veicular significados vários e diferentes. *Valor* não é, no seu caso, *feito de relações*, embora o autor recuse a biunivocidade estrita forma/significado. O que se vê, na citação acima, é que uma mesma “forma-palavra” pode acolher ou desdobrar-se em novos sentidos. *Valor* está, portanto, relacionado à potencialidade dos novos significados que uma palavra pode adquirir. É certo que um sentido se define em um meio/ambiente lingüístico, mas como acrescenta Bréal: “é preciso atentar que as palavras são colocadas cada vez num meio que lhe *determina antecipadamente o valor*” (1992: 104) (ênfase minha).

Para este autor, contudo, os significados de uma palavra estão nela contidos e é o “meio” que prescreve qual de seus sentidos possíveis seria privilegiado. Note-se, porém: os sentidos possíveis estão fixados de antemão. É, de fato, o que se pode inferir de sua afirmação de que os falantes têm “uma noção mais ou menos nítida do *valor da palavra*” (1992: 164). Deve-se, contudo, lembrar que este autor ocupava-se do significado da palavra (enquanto pluralidade e mudança): “...[é preciso] examinar por que as palavras, uma vez criadas e providas de um certo sentido, são levadas a restringi-lo, a estendê-lo, a transportá-lo de uma ordem de idéias para outra, a elevá-lo, em resumo, a mudá-lo” (1992: 77).

Pensar no problema da mudança de sentido e sua determinação no/pelo sistema deve ter inquietado seu brilhante aluno Saussure; contudo, este vai voltar mais o olhar para a força do sistema. É o que se lê na sua afirmação de que “a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas” (1916/1970: 124). Essas oposições entre unidades concretas equivalem a puras diferenças. Nisso reside a divergência entre Bréal e Saussure. Para este último:

Na língua só existem diferenças. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças sem termos positivos. Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças [...] (1916/1970: 139).

Ratifica ainda Saussure:

Como não há nenhuma *unidade* (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre outra coisa senão *diferenças*, na realidade, a unidade é sempre imaginária, existindo somente a diferença” (*apud: Écrits: 2002: 83*)⁶⁹ (tradução minha).

Portanto, na teoria do valor “a língua não parece ser senão um *sistema de valores puros*” (p. 130), ao que Saussure acrescenta que valores são “inteiramente relativos” (p. 132). Isso significa que eles emanam do sistema e se definem “por aquilo que os rodeia” (p. 135). Conclusão: valores *não são independentes* do sistema, são determinados pelo modo de funcionamento da língua.

Cabe notar que, para De Lemos, a teoria saussuriana sobre o valor, “ao eleger a relação e a diferença como primitivos, coloca até mesmo as unidades lingüísticas de qualquer nível como efeito/produto dessas relações” (1995: 124).

Levando em conta sua consideração, cumpre indagar: seriam os idiomatismos efeito/produto do mesmo tipo de relações que as demais unidades ditas produtivas da língua?

⁶⁹ Écrits refere a obra *Écrits de linguistique générale*, par Ferdinand de Saussure, de Bouquet e Engler (2002).

Embora Milner (1989) diga que as relações saussurianas sejam limitadas, no sentido de dar conta de fatos lingüísticos de natureza não-linear (caso de unidades complexas, tais como as idiomáticas), consideramos neste trabalho que, como primeiro passo, talvez seja essencial estudar os idiomatismos no jogo de suas relações (sintagmáticas e associativas/paradigmáticas), tal como Saussure o sugere em relação a todos os elementos da língua; abordá-los menos pelo lado da “substância”, ou do "em-si mesmo" e mais no jogo da língua, na relação com os outros termos.

Para tal, é bom lembrar que Saussure, ao nomear as leis desse jogo “sincrônico”, recorre aos termos latinos: *in praesentia* e *in absentia*, para diferenciar esses dois tipos de relações de natureza radicalmente distinta. *In praesentia* são as relações sintagmáticas, que se engendram entre dois ou mais termos co-presentes, contíguos, ligados no eixo horizontal do discurso, em uma série efetiva, a do sintagma. Dizendo de outro modo: dado seu encadeamento discursivo, duas ou mais palavras contraem entre si relações fundadas no caráter linear da língua, as chamadas relações sintagmáticas. *In absentia*, por sua vez, são as relações associativas (posteriormente, renomeadas de paradigmáticas por outros autores), que implicam a força da ausência-presença de elementos.

Assumindo tal direção na investigação acerca dos idiomatismos, entendo que não se poderia deixar de recorrer, no interior do Estruturalismo europeu, também a Jakobson (1969) que, na verdade, deu explicitamente um passo além de Saussure, no sentido de “ver a língua na fala”⁷⁰. Esse dizer leva a pensar que Jakobson foi além, porque pôde ver como se orquestram os eixos sintagmático e paradigmático na fala, ao rebatizá-los de metafóricos (ou da ordem do sistema) e metonímicos” (da ordem do sintagma).

De fato, Jakobson tomará a oposição metáfora e metonímia como base para ler discursos/falas – da criança, do afásico, do poeta, etc. -, levando em conta a predominância de um ou outro mecanismo lingüístico. Caso predominem associações substitutivas, pertencem os discursos à ordem da metáfora, como os cantos líricos russos, as obras do romantismo e do simbolismo, a pintura surrealista, os filmes de Chaplin, os símbolos freudianos do sonho. Mas se, ao contrário, há predominância das associações sintagmáticas, pertencem os discursos à ordem da metonímia, como as epopéias heróicas, as narrativas da escola realista, os filmes de Griffith, as projeções oníricas por deslocamento.

As colocações de Jakobson (1969) podem ser estendidas, a meu ver, para os “agrupamentos sintagmáticos”, em que são exemplares os idiomatismos. Como já disse, o idiomatismo desloca o que habitualmente se toma como unidade de significado, subverte o espessamento de sentido de uma determinada forma. Pelo contrário, traz novos efeitos de sentido, aponta para o cruzamento de cadeias, para o jogo da língua sobre a linguagem em que os significantes ressoam uns sobre os outros.

⁷⁰ Cf. expressão de Lier-De Vitto, em curso ministrado no 2º sem.1997, no Lael/PUC-SP.

Tomo como exemplo, o citado idiomatismo *bater as botas*, ao substituir “morrer” (em: “O coitado (do colono) *bateu as botas*, tão novo!”). Ocupando seu lugar na cadeia significante, mantém co-presente o significante não-idiomático - que pode se instanciar numa ocorrência como: “O coitado (do colono) bateu as botas carregadas de barro” -, escondido em sua conexão metonímica com o resto da cadeia. O que quero assinalar é que uma sentença traz a outra e o processo metonímico acontece pela contigüidade de significantes. Conseqüentemente, duas articulações significantes diferentes, que contenham elementos similares (em uma, a composição é idiomática e em outra, não), levam a efeitos diferentes de sentido e levantam questões sobre a “unidade”.

No caso de outro idiomatismo, *botar a boca no mundo*, o interessante a observar não está apenas na peculiaridade lexical, ou na combinação solidária dos termos, ou na seqüência de imagens que possam evocar, mas ao seu efeito final, ao ser reempregado, por exemplo, em uma frase como: “*diante da impassividade da empresa, a senhora resolveu botar a boca no mundo: chamou o Procon e a imprensa para divulgação do ocorrido...*”. O significado da expressão idiomática seria obtido pela relação que estabelece com outros segmentos no interior mesmo do texto em que se insere (anteriormente a ela: *Diante da impassividade da empresa, a senhora resolveu...*, e ao que se segue a ela: *chamou o Procon e a imprensa para divulgação do ocorrido*).

Note-se, portanto, que além dessa relação “em presença”, o valor dessa expressão advém também da relação “em ausência”, dentre outras, por exemplo, com a expressão cristalizada *botar a boca no trombone* que, aliás, poderia substituí-la na seqüência acima: “*diante da impassividade da empresa, a senhora resolveu botar a boca no trombone: chamou o Procon e a imprensa para divulgação do ocorrido*”.

No último enunciado, a expressão *botar a boca no trombone* é dita, como poderia sê-lo por alguma dentre outras “formas de significar” (como *denunciar, exigir, gritar, denunciar, divulgar, proclamar aos quatro ventos, exigir seus direitos...*), e tal ocorrência se deu não especificamente em função de tais palavras, mas sobre cadeias/textos que elas carregam. Percebe-se a conversibilidade de tal expressão no seguinte exemplo: “*mal o intérprete botou a boca no trombone, ouviu-se uma grande salva de palmas, acompanhada de assobios e outras manifestações de entusiasmo*”.

Os exemplos acima mostram bem a relação de dependência à cadeia/texto e também iluminam o jogo da língua na sua determinação, isto é, das leis de referência interna da linguagem – os usos metafórico e metonímico em operação. Ou dito de outro modo: o processo metafórico opera relações entre cadeias/textos latentes e manifestos. Em vez de ‘denunciar’, é *botar a boca no trombone* que ocupa posição na cadeia manifesta e é lida por ‘denunciar’ (e elementos correlatos). Mas a relação que se estabelece com os outros elementos da cadeia produz um sentido particular, embora *denunciar, gritar, exigir, botar a boca no trombone, botar a boca no mundo* partilhem algo em comum.

Esse muito mais que Aristóteles e outros filósofos chamavam de “energia”,⁷¹ algo que extrapola o significado referencial ou conceitual da linguagem e opera relações outras, uma transfusão significativa que, num texto, dada uma certa alocação posicional, faz com que ‘denunciar’ seja lido como *botar a boca no trombone* (no sentido idiomático), e desvie ou abafe/desautorize o efeito não-idiomático dessa composição.

É interessante observar que há um âmbito espacial implicado no processo de metaforização: a forma verbal ‘denunciar’ joga seu papel enquanto ausente/presente na produção do valor metafórico de *botar a boca no trombone*. Isso parece mostrar que não se ultrapassam categorias gramaticais, nem categorias sintáticas. Dizendo talvez de forma melhor: ‘denunciar’ ocupa a mesma posição sintática ou o mesmo lugar na cadeia que *botar a boca no trombone*.

O processo de metaforização/metonimização que traduz o processo de ressignificação depende, pois, de posições na cadeia. Ou seja, a relação entre *botar a boca no trombone* e ‘denunciar’ expõe sua equivalência posicional, como base do funcionamento metafórico. Há, portanto, restrições lingüísticas para que uma “montagem” possa ser lida/interpretada como “idiomática”. E é no texto que a forma verbal idiomática é significada, ou seja, é acolhida numa cadeia, em que *Botar a boca no trombone* ocupa posição que faz dela um “idiomatismo”, ou seja, em que é cristalizada como “unidade” idiomática.

⁷¹ Para Aristóteles, "enérgeia é energia; [...] ele interpretará o movimento como a atualidade do possível, ou seja, a atualização da *dýnamis*, que a *dýnamis* passe a ser *enérgeia*." Cf. Julián Marías. "Los estilos de la Filosofía". Madrid, 1999/2000. Cf. edição: Renato José de Moraes. Tradução: Elie Chadarevian. Aqui, usamos "energia", no sentido similar a quando Benveniste, 1988: 30) fala da estrutura relacional da linguagem: "[...] transferências analógicas de denominação que chamamos metáforas, fator tão poderoso do enriquecimento conceptual. Encadeia as proposições no raciocínio e torna-se o instrumento do pensamento discursivo".

Dito de outro modo, o “idiomatismo” ganha o estatuto de “unidade-sintagma”, porque é submetido a restrições lingüístico-discursivas.

Portanto, enquanto unidade complexa, há que se considerar também que suas partes entram em jogo. E como isso poderia se dar?

- talvez se possa dizer que um segmento idiomático migra (*sapos*, que evoca *engolir sapos*), formando uma nova cadeia discursiva (por nominalização) > “Que bela degustação de *sapos!*”;

- ou então que um segmento se fixa (numa função de ancoragem sintática) para que outro se movimente. Ex.: *a boca em* permanece fixo e os demais constituintes são livres para modificarem-se: Botar / Pôr / Meter / Enfiar /Estar com *a boca* no mundo / no trombone / no inferno / na maçã..., como se vê no quadro a seguir. Um jogo que traz à discussão, por exemplo, o espelhamento entre estruturas – o paralelismo – como apontou Jakobson (1969), ao abordar a composição poética. Nele, vê-se a montagem/desmontagem do idiomatismo:

<i>Botar a boca no mundo</i> =		V (variável) + SN (não-variável) + SP (em + nome relativamente variável)
gritar, exigir, reclamar...		
<i>Pôr..... trombone</i>		
<i>Meter..... mundo</i>		
<i>Colocar..... maçã</i>		

Alguns termos, nesse último idiomatismo, funcionariam como um eixo discursivo fixo (suporte da significação): ...*'a boca em`...*, em torno do qual gravitam alguns outros termos relativamente variáveis:

- uns que mantêm a unidade idiomática, enquanto fala advinda de outras cadeias discursivas anônimas (*pôr/botar/meter/colocar; no mundo/no trombone*); - outros termos que fazem perder a idiomaticidade (como: *na maçã*, em: *pôr a boca na maçã*).

Lier-De Vitto, ao tratar dos monólogos da criança, fala do “notável equilíbrio paralelístico entre as seqüências monológicas”, quando alguns itens na fala da criança “produzem efeito de coesão textual” porque funcionam como:

...âncoras textuais, fragmentos discursivamente fixados que insistem e convocam outros fragmentos, que se abrem e deixam o texto inconcluso. É a língua/alíngua que começa a se movimentar, dismantando textos, mas não completamente porque, nessa “química de palavras” (Kostenbaum, 1993), o que insiste persiste convocando, promovendo rearranjos. Jogo perene entre os eixos metafórico e metonímico. Puro espaço de tensão constitutiva. (1998: 152-4).

Mas, enquanto nos enunciados das crianças, as “organizações-reorganizações” se fazem “em presença”, ou seja, a criança produz reiteradamente enunciados e fragmentos de enunciados que se articulam em espaços textuais, no caso dos idiomatismos, similarmente a qualquer outro enunciado não-idiomático da língua, tais “organizações-reorganizações” se fazem “em ausência”, ou seja, a presença de uma forma impede a presença manifesta da outra; ou se diz “*botar a boca no mundo*”, ou se diz “*meter a boca no trombone*”.

Por outro lado, embora tais formas idiomáticas possam ser ditas, por muitas pessoas, como “congeladas/cristalizadas” ou de repetição, a cena a que referem é que promove a diferença. Cada forma idiomática ganha seu sentido específico no momento de sua emergência, tal qual qualquer unidade lingüística.

Note-se, ainda, que mesmo se abordando a unidade idiomática *per se*, é na cadeia/texto que seu valor será definido:

botar a boca na maçã (sentido não-idiomático)

botar a boca no trombone (sentido não-idiomático)

botar a boca no trombone (no sentido idiomático).

Assim sendo, a unidade idiomática está submetida à resignificação que se mostra como um processo, na língua, que não cessa e não se detém; o idiomatismo não é um “fora da língua”; está governado pelas suas leis de referência interna. De fato, Davidson tem uma frase sobre a metáfora que se aplica muito bem aos idiomatismos: “[a metáfora] percorre as mesmas trilhas lingüísticas das sentenças mais comuns” (1992: 47)⁷².

⁷² Davidson (1992); in: Sacks (1992: 47).

O idiomatismo permite, portanto, pensar sobre o funcionamento⁷³ da linguagem, até porque, por constituir uma estrutura que se assume como cristalizada, pode, se trabalhada por outra ótica, deixar ver deslizamentos de sentido, pode iluminar o jogo da linguagem sobre a linguagem, as operações metafóricas e metonímicas⁷⁴ que o determinam e o dissolvem, como procurei brevemente mostrar. Como se viu, abstraem-se, nos casos discutidos, os elementos particulares carreados em cada texto, para salientar um elemento geral, o traço que há em comum entre as estruturas. O texto fixa o singular dessas expressões intercambiáveis, mas não anula a correlação – daí, que todos os termos latentes podem lê-lo, assim como substituí-lo.

É por essa razão que a metaforização “por semelhança” contém um processo que produz diferença: a cada substituição tem-se um efeito particular que o sujeito reconhece.

O idiomatismo fala, mas para dizer outra coisa. De fato, quando alguém diz: "o coitado *bateu (com) as botas*", o falante não está simplesmente substituindo um significante por outro, nem fazendo uma mera transferência de denominação do fato ocorrido. O idiomatismo tem a singularidade de dar lugar a que o falante – ainda que nem se dê conta disso – posicione-se a respeito de alguém ou de um fato comentado na sua própria textura ou tecido verbal.

⁷³ Nesse sentido, pode-se dizer que o presente trabalho objetiva não apenas “reconstituir” o objeto idiomático, de forma a fazer emergir, nessa reconstituição, as regras de funcionamento (as funções) desse objeto. Objetiva, antes que tudo, recuperar o falante no discurso (o sujeito assujeitado à ordem simbólica, mas que não deixa de emergir como efeito dessa ordem).

⁷⁴ É no artigo citado anteriormente, “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de Afasia”, que Jakobson (1969) qualifica os dois eixos e fala de sua articulação: o eixo da combinação (metonímico) e o eixo da seleção (metafórico). Metáfora e metonímia são vistas por ele, não como figuras retóricas, mas como processos responsáveis pelo funcionamento simbólico.

É preciso, então, considerar que, ao enunciar um idiomatismo, o falante tem, em seu ouvinte, alguém que pode ficar sob efeito, que vai ser afetado por sua fala – a ‘montagem’ idiomática que se institui numa cadeia “comunica” mais do que é colocado às unidades/signo que nela se apresentam. Nessas “montagens” parece que os elementos funcionam como significantes que ganham sentido das articulações textuais em que se inserem ou que, como unidades particulares, evocam no falante e no ouvinte.

Rever os idiomatismos à luz das lições de Saussure (1916) e Jakobson (1969) - dos processos metafóricos e metonímicos – é, como se vê, o caminho que se me apresentou primeiramente como aquele a seguir neste trabalho. Entretanto, Milner (2002) encaminha uma reflexão no sentido de levar às últimas conseqüências a proposta jakobsoniana de projeção da metáfora sobre a metonímia, o que, segundo ele, leva à proposição de uma concepção unidimensional de estrutura. Isso porque, para ele, "os termos paradigmáticos estão na seqüência sintagmática *in praesentia*" (Milner, 2002: 156).⁷⁵ (tradução minha).

Se no *Curso*, o paradigmático é o sintagmático possível, como diz Milner, tal se assenta na hipótese de um sintagmático atual ("em ato" ou "*in vivo*"). A noção de cadeia ganha aqui precisão, ao referir-se a essa estrutura unidimensional e *in praesentia* apresentada por Milner (2002).

⁷⁵ "[...] les termes paradigmaticques sont dans la séquence syntagmatique *in praesentia*." (Milner, 2002: 156).

Essa novidade se desdobra noutra e ela diz respeito ao modo como o "significante" passa a ser concebido: a meu ver, Milner quer dizer que, dissolvida a simetria, tematiza-se "[...] explicitamente sua forma ativa, devolvendo-lhe seu alcance próprio [...] erige em conceito o significante como 'ação pura'" [da estrutura] (2002: 159)⁷⁶ (tradução minha).

Portanto, o significante se projetou nesta linha (linearidade) que é a cadeia (estrutura mínima) e a cadeia como linha projeta-se sobre este ponto que é o significante. Isso apaga a diferença hierárquica entre elemento e estrutura. É bom lembrar, entretanto, que essa hipótese não abdica da noção de distintividade como constitutiva da estrutura. O que está em causa é o seguinte:

[...] o sistema, quer dizer, a estrutura, determina os traços de seus elementos: ação da estrutura. De outro lado, os elementos não são outra coisa senão a estrutura; o fonema distintivo cumpre ativamente as distinções que a articulam, do mesmo modo que a estrutura constitui ativamente os traços de seus fonemas (Milner, 2002: 161)⁷⁷ (tradução minha).

No capítulo seguinte, encaminho uma discussão na qual se verão ecos dessas proposições. Meu trabalho parte, ainda, de um reconhecimento, qual seja: é necessário abordar a complexa relação língua-fala-falante. É o que me proponho fazer no capítulo 2.

⁷⁶ "[...] thématise explicitement la forme active: il rend à celle-ci sa portée propre; [...] il erige en concept le signifiant comme "action pure". (Milner, 2002: 159).

⁷⁷ "[...] le système, c'est à dire, la structure, détermine les traits de ses éléments: action de la structure. En retour, les éléments ne sont rien d'autre que la structure; le phonème distinctif accomplit activement les distinctions qui articulent la structure, tout autant que la structure constitue activement les traits de ses phonèmes". (Milner, 2002: 161).

Capítulo II

Uma leitura de falas idiomáticas

Enquanto nas interrupções de fala diz-se algo pelos elementos lingüísticos suspensos; enquanto no lapso, algo se diz pelo elemento trocado ou truncado, no idiomatismo também se diz algo, por meio de uma forma insuspeita, pretensiosamente natural, mas, que a meu ver, vai além disso. É preciso que se rompa com a familiaridade (o não-estranhamento) do falante leigo para que se possa enfrentar questões do seguinte tipo: Como ler o idiomatismo em sua singularidade, e de forma ‘produtiva’? Como ‘decifrá-lo’, ou como fazer dele uma questão já que, como vimos, ele não tem sido propriamente reconhecido como tal?

Ocorre que os idiomatismos têm natureza heterogênea⁷⁸, a começar pela dimensão e volume variáveis de suas "unidades", pela dualidade de suas estruturas (umas, de dupla leitura: 'ao pé da letra' e idiomática; outras não), sua relativa estabilidade de forma, por suas propriedades estruturais que, a meu ver, não podem ser negligenciadas nos estudos (paralelismo de estruturas, gradação silábica, efeitos de ressonância, jogos de som e de sentido...), dentre outros aspectos que reclamam estudo mais detalhado. Pensando assim é que, a meu ver, o acontecimento idiomático convida a uma retomada teórico-metodológica que, de início, parece envolver 'algo', que eu diria ser da ordem dos fundamentos. Quero dizer: 'algo' que leve a rever essa questão à luz da articulação língua-fala-falante.

Início, levando em consideração o fato de que se reconhece, como vimos na Introdução, que os idiomatismos compõem um todo fechado, que envelopa um significado até certo ponto previsível ou reconhecível por qualquer falante, ainda que se exija uma certa familiaridade com eles (ex.: *botar a boca no mundo* = gritar). Entretanto, é esse mesmo reconhecimento, que os destitui de valor e de importância, e é exatamente a impossibilidade de sua segmentação que os marginaliza no campo, não só da semântica e pode-se dizer que do campo da Lingüística de maneira geral, já que eles não se submetem ao cálculo semântico.

Para mim, o que seria expressão de um limite da Lingüística transforma-se em proibição que interdita a análise dessas expressões, e é desse modo que se encobrem questões.

⁷⁸ Conforme aponte em pesquisa de mestrado já citada.

Como já dito, o que o trabalho de Saussure, o de Jakobson e o de Milner nos trazem como possibilidade: uma análise outra dos idiomatismos que implica a inclusão de algo que ultrapassa o perceptível: a língua em operação na fala. Além disso, devemos considerar que, sob a concisão dos idiomatismos, ‘flutuam’ segmentos múltiplos de fala e de extensão variada. A estrutura idiomática seria como que uma ‘condensação verbal’, que se serve da organização seqüencial de uma língua particular, para ali imprimir uma ‘subversão’, que se expressa num obstáculo à sua segmentação em unidades discretas.

Nos idiomatismos, entretanto, sentidos tendem a estabilizar-se e reside nisso seu interesse maior. Digo isso porque, a meu ver, a constatação de seu "congelamento" é da ordem da aparência. De um lado, porque eles não são, em si-mesmos, unidades e, de outro, porque estão sujeitos a algumas modificações em sua estrutura. Isso parece falar a favor de que, sob eles, também há deslizamentos, como veremos a seguir.

1. Falas que envolvem expressões idiomáticas

Para atender aos objetivos e à meta proposta neste trabalho sobre idiomatismos, é preciso caminhar na direção indicada na discussão realizada anteriormente. Trago, então, segmentos de fala que são analisados à luz da problematização sobre a complexa questão da “unidade lingüística”, procurando discutir também o modo de relação língua/linguagem/falante. Ou seja, tento levantar algumas das relações mútuas entre enunciados não-idiomáticos e enunciados idiomáticos e sua manifestação e efeitos singulares. A pergunta que antecede estas análises é: O que o campo da Lingüística, na perspectiva instaurada pelo estruturalismo europeu e seus desdobramentos, pode dizer sobre os idiomatismos para além do que já se disse na Fraseologia/Idiomatologia?

Início a tarefa de interpretá-los trazendo para o palco de discussão alguns episódios de fala de comentaristas da mídia - impressa e eletrônica – que, diga-se de passagem, usam e abusam de idiomatismos com os mais variados efeitos de sentido, envolvendo artifícios de várias ordens, assim como outros episódios que ocorrem no campo da literatura (poema e romance):

Episódio 1:

Sob o título "*Vacas magras e gordas*", o jornalista Joelmir Betting focaliza o uso da logística na organização do segmento de transporte. Transcrevo, a seguir, um fragmento do texto no qual há ocorrência de idiomatismo:

"Ajuda a evitar a falsa oferta aparente de mercado. O regime de liberdade de preços ocorre atualmente... O caminho é conviver com seus colegas e seus competidores para fortalecer o segmento, que enfrenta *vacas magras e vacas gordas*. O empresário precisa fazer reserva *no período das vacas gordas* para enfrentar *as vacas magras*, que infelizmente no Brasil têm sido mais longas"⁷⁹.

O sintagma nominal "*Vacas magras e gordas*" do título vai colocar em cena idiomática, qual seja, o do universo rural, um tema de ordem econômica, e é uma expressão familiar a qualquer leitor. Se se pode dizer que, a princípio, o título de qualquer texto funciona como algo que antecipa a discussão que será encaminhada, cabe assinalar que, nesse caso, por ser título e por ser uma expressão idiomática conhecida, parece se poder dizer aí de um reforço de uma leitura idiomática do texto desde o início.

⁷⁹ Betting, Joelmir. "Vacas magras e gordas". In: NTC & Logística. 19/04/2006. Cf. web site: http://www.ntcelogistica.org.br/noticias/materia_completa.asp?CodNoti=10722.

Na verdade, no decurso do texto é que se vai decidir por uma leitura ou outra, mas a primeira leitura, anterior à do texto, é idiomática. Isso significa que o efeito de sentido da composição significante manifesta em "*vacas magras e gordas*" coincide com o do fluxo significante dessa fala/texto. É, então, "em ato" (*in praesentia*) que o sentido de "*vacas magras e gordas*" se constitui, de fato.

Cumprir perguntar também que, se a "forma de significar" dos idiomatismos "vacas magras" e "vacas gordas" implicasse uma noção de unidade, tal como ela comparece na Fraseologia/Idiomatologia (forma-significado fixos), seria possível, no segmento que dá título ao texto, a combinação de dois idiomatismos com apagamento de constituintes?

A ocorrência de um tal segmento verbal como título, a meu ver, indica que mobilidade (na forma) é possível desde que o efeito de sentido produzido atualize aquele comumente vinculado a tais idiomatismos, o que não frustra no caso.

A outra ocorrência no corpo do texto, a presença da articulação significante "*período das*" e sua conexão com "*vacas*", é a confirmação ao leitor de que sua leitura idiomática do título é adequada.

Episódio 2:

A questão da mobilidade talvez se esclareça um pouco mais se levarmos em conta o aforismo proferido pelo antropólogo Roberto DaMatta, em julho de 2006 e citado pelo jornalista Joelmir Betting, em uma de suas colunas que apenas transcreve frases interessantes a ele e pronunciadas por alguém de renome:

“Vitória é tempo de vacas gordas; derrota, de bodes expiatórios”⁸⁰

Como se vê, esse enunciado se realiza tendo como base a coordenação sintagmática de duas expressões idiomáticas, colocadas aí em oposição.

Equivale dizer que tal coordenação é conseqüente à da oposição "vitória/derrota" e, por isso, produz um efeito surpreendente na medida em que comporta - para o ouvinte/leitor - uma antecipação malograda já que "*tempo de vacas gordas*" convoca metonimicamente, por oposição, "*tempo de vacas magras*". Mas, o que faz presença na seqüência é "[*tempo*] de bodes expiatórios" e o intérprete é inserido, então, num outro fluxo significante. Interessante é que a irrupção de outra "forma de significar", que não a oposta da primeira, não barra a significação.

Talvez se deva ter em consideração que, nesse cruzamento manifesto, interpõe-se uma conexão metonímica.

⁸⁰ Aforismo de Roberto DaMatta, antropólogo, 12/07/2006. Apud: Betting, Joelmir. cabeças & sentenças - frases e reflexões. Cf. web site: <http://www.joelmirbetting.com.br/noticias1.asp?IDgNews=5>.

O encontro contingente dessas redes significantes produz um sentido que não coincide propriamente com aquele colocado em jogo pela oposição "vacas gordas"/"vacas magras" mas que o ultrapassa. Vejamos como isso se realiza no enunciado acima:

→ em vez de 'um período favorável', tem-se *tempo de vacas gordas*;

→ em vez de 'um período desfavorável' ou seu equivalente idiomático *tempo de vacas magras*, tem-se [*tempo de*] *bodes expiatórios*.

O que esse segmento de fala introduz é a possibilidade de intercambiar "vacas magras" por "bodes expiatórios", equivalência estrutural que descongela a oposição metafórica "vacas magras" e "vacas gordas". Nessa dinâmica, o que está em jogo, como se vê, não é a substituição *vaca* → *bode* e/ou *magra* → *expiatório*. Constatação que nos obriga a retomar a questão da unidade no âmbito das ditas "expressões idiomáticas". Note-se que elas não se comportam de outra forma que não aquela que a língua impõe: submeter-se ao jogo das relações.

Entretanto, pelo que já foi dito até aqui, elas parecem comportar sempre um "duplo sentido". Isso significa que elas dizem algo para dizer outra coisa. Note-se, mais uma vez, que o deslocamento de sentido está em jogo nas ocorrências de fala referidas por "expressões idiomáticas".

Essa operação de "descongelamento" do idiomatismo não é mesmo estranha às línguas. A título de ilustração, trago aqui um enunciado idiomático produzido por um orador latino, qual seja: "Ego de alliis tibi loquor, tu autem de caepis respondes" ("Eu te *falo de alhos*, mas tu me respondes com cebolas") (Apostólio, Paroimiai 20.52)⁸¹. Talvez valha a pena assinalar que a presença de "cebolas" aqui é conseqüente de conexão metonímica com "alhos" e "cebolas"; diferentemente ao foi discutido no dizer idiomático de Roberto DaMatta em que não se reconhece propriamente relação de tal natureza entre "vacas gordas" e "bodes expiatórios".

Episódio 3:

Em matéria, não-assinada, da edição do jornal "O Estado de São Paulo" de 23/08/2006, lê-se, na página A14, um texto cujo título é: "ONU é o *bode expiatório* mundial". Contrariamente ao que se discutiu no episódio anterior, atualiza-se no texto a "forma de significar" da expressão "bode expiatório". O leitor/intérprete não é confrontado, então, com uma antecipação malograda. Abaixo, um fragmento do referido texto:

⁸¹Kocher (org.) Cf. web site: http://www.psleo.com.br/fr_lat_e2.htm.

“[...] Todos poderão culpar a ONU por ser ineficaz, impotente, anti-Israel ou anti-árabe e, por isso, sem utilidade para a comunidade mundial. É mesmo muito conveniente ter *um bode expiatório* desses. Se ele não existisse, seria preciso inventá-lo.”⁸²

Mas, talvez seja interessante lembrar aqui o modo como o idiomático "bode expiatório" comparece aí para deixar ver que, mesmo que o intérprete não se frustre, há nuances de sentido que emanam de "bode expiatório" e que dependem do modo como essa expressão se relaciona com outros significantes no interior do texto. Note-se que se pode colocar em paralelo o título da matéria jornalística - "ONU é o *bode expiatório* mundial" sem abalar propriamente o efeito de sentido antecipado pela presença de "bode expiatório" em ambos. Nesse caso, essa expressão é intercambiável.

Entretanto, se levarmos em conta sua conexão com os sujeitos a que se referem, o deslocamento de sentido é produzido em função do tecido textual no qual se insere. No caso da matéria jornalística, a ONU tornar-se um "bode expiatório" se justifica em função dos atributos negativos que lhe são infligidos: ineficácia, impotência, inutilidade.

Se é fato que forma-significado podem se estabilizar no uso, como responder por conexões de natureza tão diversa? Esse trânsito de um "mesmo" segmento por diferentes textualidades implicaria, a meu ver, considerar que deslocamentos de sentido se realizam em cada atualização. Ou seja, é "em ato" que eles se tornam significantes.

Trago, a seguir, ocorrências de idiomatismos na poesia. Início com um poema de Manoel de Barros, intitulado "A namorada".

⁸² Apud: O Estado de São Paulo, A14. 23/08/2006.

Episódio 4:

"Havia um muro alto entre nossas casas.

Difícil de mandar recado para ela.

Não havia e-mail.

O pai *era uma onça*.

A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão

E pinchava a pedra no quintal da casa dela.

Se a namorada respondesse pela mesma pedra

Era uma glória!

Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira

E então era agonia.

No tempo do onça era assim"⁸³.

O poeta traz à luz os idiomatismos "*era uma onça*" e "*no tempo do onça*". À sua maneira, estabelece-se aqui um jogo interessante que produz uma dinâmica significativa - não menos interessante. Começamos pela consideração de que "onça" é o significante que se repete nesses dois segmentos. No primeiro, o efeito de sentido decorre da projeção do eixo metafórico sobre o metonímico, onde os termos "pai" e "onça" são feitos equivalentes.

⁸³ Barros (2001: 17).

Decorre disso uma transferência de sentido que coloca em causa a noção de unidade, tal como ela comparece na Fraseologia/Idiomatologia.

Fato é não só que o efeito de sentido final não resulta apenas da combinatória dos constituintes idiomáticos mas, principalmente, que ele ultrapassa o que a própria equivalência coloca em cena. Há a produção de um terceiro aqui que se faz pelo encontro contingente de fluxos significantes: (1) um convocado pela presença do significante "pai"; (2) outro, pela do significante "onça"; (3) pelos paralelismos sucessivos *"era uma onça" → "era uma glória" → "era agonia"*. A substitutibilidade nessa posição da cadeia estabiliza/desestabiliza os sentidos. Efeito que se faz sentir, inclusive, no enunciado final *"no tempo do onça era assim"*. Quero dizer com isso que não só a equivalência *"onça"="pai"* faz-se presente nessa seqüência (e se traduz em algo como *"no tempo do pai era assim"*), como também aquelas implicadas nas seqüências em paralelo. Isso, a meu ver, redimensiona, desloca o tal sentido "cristalizado" de *"no tempo do onça"* como "outrora" ou "em tempos passados".

É, assim, que se processa, neste poema, a condensação de sentidos de ambas as expressões idiomáticas.

Episódio 5:

No texto poético "*O homem, animal exclamativo*", Drummond (1979) nos surpreende com uma proliferação de "expressões idiomáticas" (colocadas, por mim, em itálico), como vemos abaixo:

"AVE! SALVE! Viva! *Sursum corda!* Alvissaras, meu capitão!

Essa, não! Antes a morte! E eu que pensei que você fosse meu amigo!

Nunca! Jamais! Credo! Te arrenego! *Vá para o diabo que o carregue!*

Raio que te parta! Deus é grande! Ô diabo, esqueci!

Salvo seja! Mas que beleza! *Que tetéia! Que pancadão! Que pão! Que uva! Que coisa mais boba! Que gracinha!*

Ah, você está querendo briga! *Você não se emenda!* Casaca! casaca!
casaca!

Está na hora! Protesto! Agora é tarde! *Tarde piaste!* Que dor! Ai! Ui!

Irra! Bofé! Minha santa Maria eterna! *Este garoto é de morte!* Nunca morrer assim! Num dia assim, de sol assim!

Corta! Desliga! Mas que calor! Que friu, meu tiu, na beira do riu! É demais! Socorro! *Este país está à beira do abismo! É a vovozinha!*

Fora! Fiau! Argh! Catrapus! Alto lá! Repita se é capaz! Rua! Volta, meu amorzinho, volta!

Feiosa! Tem gente! Socorro! Assim é demais! Grandessíssimo canalha! O senhor está me ofendendo! Estou sim! *Pague e não bufe!*

Atenção, muita atenção! *Vae victis!* Pega ladrão!

Não mate a árvore, pai, para que eu viva! O preço da liberdade é a eterna vigilância! Pra frente, Brasil! Ou vai, ou racha!

Tome que o filho é seu! O passarinho do relógio está maluco! Não quero saber de nada! Cuidado! Puxa vida! Boa piada!

Do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam! *Comigo não, violão! Mea culpa! É de lascar! Da pontinha!* Sossega, leão!

Putzgrila! Eia! Tá! Olá! Tá doido! Exijo mais respeito!

Chi! Ora bolas! Papagaio! Não pode! Pipocas! Olha o rapa! Não diga!

Shazam! *Michou os carburetos! Hélas!*

Lotado! Não chateia! Te mato! Te adoro! Não admito! Até a próxima!

Bom fim de semana, boas festas, bom tudo!

Não faltava mais nada! Eu bem que avisei! Não apoiado! Podia ser pior! Assim não vai! Desenvolvimento e segurança!

Cala a boca, Etelvina! Você é que é culpado! Eu nunca disse isso! Pois agora, tome! Filhinha, nunca vi essa mulher na minha vida! Sou uma besta! Comigo ninguém pode!

Uma esmolinha, pelo amor de Deus! Presente! Os que forem brasileiros me sigam! Ame-o ou deixe-o! Eu estava brincando!

Noutra não caio! Olho vivo! Cavalo não desce escada! Sou pequenino, mas não sou burro! Que é isso, rapaz! Genial! Mamãe, papai deixou!

Esqueci a pílula! Era só o que faltava!

Cretino é você! Olalá! *Bons olhos o vejam!* Nem me fale! O filme é uma droga! Que sarro! *Comeu gambá errado!*

Bravo! Assim é que é! Vou-me embora pra Pasárgada! Não quero saber mais de você! É baixo! *Guerra é guerra!*

Joga a chave! É mentira! Juro por alma de minha mãe! Vamos acabar com isso! Amanhã é outro dia! Que vergonha, meu Deus do céu! *É o fim da picada! Sou filho do carbono e do amoníaco!*

Caramba! *Per la Madonna!* Quem te viu e quem te vê! Átila, você é bárbaro! Peço a palavra! Paz e amor! A guerra acabou, eu devolvo o órfão a Saigon!

Ama com fé e orgulho a favela em que nasceste! *Isto não está no script!* Babau! Oxalá! Braço é braço! Boa bisca! *Foi pras cucuias!*

É o cúmulo! Isso aqui *não é a casa da mãe da Joana!* *Dobre a língua!*

Vossa excelência é quem sabe! Já ganhou! Independência ou morte!

Essa é boa! Coitado! Você é que é feliz! Acabou! Foi ele! Não tenho que lhe dar satisfação! Não vem que não tem!

Que tempos, meu caro senhor, que tempos! *Já não se comem broas de fubá como antigamente!*"⁸⁴

⁸⁴ Drummond de Andrade (1979).

O mesmo dito para o episódio 4 o pode ser para o 5, ou seja, que a projeção da metáfora sobre a metonímia faz aqui um "reviramento" de sentidos, pronunciado pela presença em seqüência de idiomatismos e que se traduz num efeito estético. Será que, nesse excesso, estaria em jogo a ação deliberada do poeta? Dito de outro modo: até que ponto o efeito estético advém do modo de fazer presença do idiomatismo e da atenção deliberada de Drummond? Escutemos o que ele mesmo nos diz sobre o modo como uma trama verbal se desenvolve:

É tão incoerente essa trama verbal a desenvolver-se no tempo, que se procura dar-lhe nexos, apelando para fórmulas: "Como eu ia dizendo..." "O que é mesmo que eu estava dizendo?" O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro, e do acoplamento (linguagem espacial em curso) dos dizeres surge novo dizer, que é o anterior e é outro. De modo que ninguém diz propriamente o que diz, mas só o que lhe ocorre (se ocorre) dizer, ou lhe é *soprado* na ocasião. E pode acontecer que o companheiro, em vez de soprar uma dica, lance uma contradita, passando os dois a renhir em *dize-tu direi-eu*. (1979)⁸⁵.
(realce meu)

Retiro do episódio que o idiomatismo funciona como um dizer que é "soprado" ao poeta e é "acionado" por outro dizer, como ocorre com qualquer outro elemento da língua. E mais: que ele se "acopla" a outros dizeres e faz surgir o "novo".

⁸⁵ Idem à nota 54.

Essa é mesma a dinâmica da língua em operação. Mas chama a atenção o fato de que Drummond não deixa de assinalar que uma dimensão subjetiva se imiscui aos dizeres: é assim que leio a oposição lançada na seqüência "dize-tu direi-eu".

Vejamos, agora, ocorrências de idiomatismos na fala cotidiana, ou seja, em situações dialógicas entre adultos:

Episódio 6:

Uma professora diz a um grupo de colegas numa reunião de trabalho:

“E eu que *fiquei numa saia curta!*” (imediatamente todos, menos a professora, caem na risada).

Dois pontos merecem atenção nesse enunciado. O primeiro é o efeito de comicidade produzido pela fala da professora na qual "*saia curta*" manifesta-se como substituto de "*saia justa*".

É preciso considerar que os termos *justa/curta* têm uma grande afinidade sonora, a ponto de ambos constituírem como que um paralelismo de formas, numa associação muito sugestiva, em que o resultado transforma-se num “dito espirituoso” ou um “dito de espírito” (um “bon mot”, ou um “mot d'esprit”). Isso nos evoca Yaguello (1997: 18): “O jogo com as palavras, ao fundar-se numa atividade metalingüística inconsciente, revela a competência lingüística do sujeito-falante...”.

Efeito que, diga-se de passagem, não foi imediatamente reconhecido por quem o proferiu, a não ser depois do riso dos colegas: outro ponto a ser considerado aqui já que o embaralhamento sonoro não parecer responder, sozinho, pelo equívoco que aqui se manifestou.

Quero dizer com isso que alguém se apresenta na cadeia significante e o equívoco tem a ver com esse modo de fazer presença, mesmo quando esse alguém não se dá conta disso. A pergunta que fica para nós é esta: como a Lingüística pode explicar isso?

Por ora, apenas posso constatar a pertinência de tais pontuações e ratificar que esse alguém que se apresenta na fala - mais especificamente, nas ditas “falas idiomáticas” - não é senhor da palavra e origem do sentido (como a leitura dos episódios anteriores também mostra), mas o que ele diz, diz dele. No equívoco manifesto nesse episódio isso se configura como hipótese possível. Se, de um lado, a presença de “saia” sustenta a idiomaticidade de “curta”, de outro lado, esse acontecimento indica o quanto as expressões idiomáticas estão sujeitas às operações de montagem/desmontagem das articulações significantes. Interessante que, nesse episódio, tais operações estão intrinsecamente atreladas a uma determinada presença na fala.

Episódio 7: esta ocorrência é de idiomatismo extraído de romance:

No romance infantil *Alice no país das maravilhas*, toma-se ao pé-da-letra um idiomatismo – *matar o tempo* -, numa seqüência de cena dialógica entre os personagens *Chapeleiro, Lebre de Março e Alice*.⁸⁶

Alice suspirou cansada. “— Acho que você poderia aproveitar melhor o seu tempo”, disse, “em vez de desperdiçá-lo, propondo charadas que não têm resposta.” “— Se você conhecesse o Tempo como eu conheço”, disse o Chapeleiro, “não falaria em desperdiçá-lo, como se fosse uma coisa. É um senhor.” — “Não entendo o que você quer dizer”, disse Alice.” “—Claro que entende!”, disse o Chapeleiro, atirando a cabeça desdenhosamente para trás.” “Acho que você nunca sequer falou com o Tempo!”... “— Talvez não”, respondeu Alice cautelosamente, mas sei que tenho de bater o tempo, quando estudo música.” “— Ah! Isso explica tudo”, disse o Chapeleiro. “Ele não suporta ser batido. Agora, se você mantivesse boas relações com o Tempo, ele faria tudo o que você quisesse com o relógio... foi no grande concerto dado pela Rainha de Copas, e eu tinha de cantar... “Bem, eu mal tinha acabado o primeiro verso”, disse o Chapeleiro, quando a Rainha berrou: “— Ele [o Chapeleiro] está *matando o Tempo!* Cortem a cabeça dele!” (1998: 94-6)

⁸⁶ Carroll, Lewis (pseud.). *Alice no País das Maravilhas/Charles Lutwidge*. Porto Alegre: L&PM, 1998/1886.

Matar o tempo é uma corrente “forma de significar” usada no cotidiano, sem que falante/ouvinte se dêem conta de sua emergência na fala, correspondendo corriqueiramente a: ‘ocupar-se alternativamente com alguma atividade produtiva, ou não’. É exemplar o uso desse idiomatismo em um aforismo de Jacques Prévert: “O tempo faz a vida difícil àqueles que querem matá-lo”.⁸⁷

Sobre o fato de o idiomatismo passar despercebidamente pelo falante/ouvinte, diz Yaguello (1997: 150): “Uma vez lexicalizadas, as figuras já não se notam..., [mostrando o] efeito de regresso sobre a *língua* de um fenômeno de *fala* e [que deve] entrar no dicionário”.

Essa lingüista continua:

“A lexicalização das figuras pode ser considerada como terminada a partir do momento em que a substituição da palavra figurada por um sinônimo ou quase-sinônimo choca ou faz rir, o que constitui uma fonte de humor (voluntário, mas também involuntário, nas crianças e nos estrangeiros). (1997: 150).

No romance acima, em que Alice se encontra em um mundo desconcertante, cujas personagens subvertem os sentidos, a expressão “matar o tempo”, como idiomatismo, não tem lugar.

⁸⁷ Apud: Yaguello (1997: 147).

Torna-se um predicado tomado no sentido ao-pé-da-letra, em que a “matar” corresponde “tirar a vida, assassinar” e em que “Tempo”, marcado com inicial maiúscula, ganha o estatuto de ser animado, nome de um personagem: “– É um *senhor*”, [diz o Chapeleiro]”, funcionando “Tempo” como um complemento-objeto animado e que pode sofrer a ação de ser morto.

Chamar a atenção do leitor para uma expressão cristalizada, fazê-lo dar-se conta de sua emergência no discurso literário, no presente caso do romance – esta é a estratégia usada por Carroll, por meio do procedimento da literalização do idiomatismo, esta geralmente não-esperada pelo leitor.

Episódio 8:

Lemle, em uma resenha com finalidades didáticas, valendo-se de uma divertida coletânea de expressões traduzidas para o inglês pelo jornalista Millôr⁸⁸, mostra que elas sofrem uma tradução “falida”. Dentre tais expressões, destacamos alguns idiomatismos:

Tirar uma pestana – To take an eyelash (p.111)

Esse cara é cobra – This face is a snake (p.50)

Fizeram uma vaquinha – They made a little cow (p.62)

⁸⁸ Lemle, Miriam. Resenha: Millôr. The cow went to the swamp, A vaca foi pro brejo. Rio de Janeiro: Record, 1988. In: Revista D.E.L.T.A., vol.6, n.º 1, 1990: 117-24.

Não ter papas na língua – Not having any popes in the tongue (p.84)

Caracterizar o erro do tradutor, nestes casos, é a sugestão de tarefa aos alunos, dada por Lemle. Essas traduções “falidas” evidenciam que se deve verificar que não é “de um para um a relação entre unidades de forma e unidades de sentido”. Ou que “há autonomia entre o plano do significante e o plano do significado”, que é o mesmo que tratar da arbitrariedade do signo lexical.

Outro grupo de traduções “falidas” de idiomatismos mencionadas por Lemle são estas aqui:

Descascar um abacaxi – To peel off a pineapple (p.29)

Botar a boca no trombone – To put the mouth in the trombone (p.16)

Roeu a corda – He chewed the rope (p.101)

Bater as botas – To beat the boots (p.14)

O que de produtivo podemos tirar dessas traduções “desastrosas”, além do riso, e que nos é apontado pela própria Lemle?

Uma tal experiência pedagógica é bom momento para se discutir, com os alunos, a questão da composicionalidade semântica, que não se verifica nos idiomatismos.

O sentido do todo idiomático não resulta da combinação do sentido das partes, como ocorre no caso das frases não-idiomáticas, mas é um sentido global, único, instituído e acordado socialmente em um momento mítico da língua, que não se tem como precisar.

Isso mostra que usar adequadamente essas expressões não exige somente saber o que elas significam, mas também inclui saber empregá-las inseridas em condições bem específicas no contexto extra-lingüístico. Este saber é de natureza cultural (com o conhecimento de costumes e convenções) e não estritamente lingüístico (não apenas requerendo o conhecimento das propriedades internas da língua).

Episódio 9:

Em outubro de 2004, o jogador de futebol Romário, com a irreverência carioca que lhe é bem peculiar, faz uma crítica ao técnico recém-contratado do Fluminense - Alexandre Gama⁸⁹:

"Ele está falando muita merda, tem é que tomar conta do Fluminense. Ele nunca ganhou nada e tem que fazer mais e falar menos. O que tem a ver eu ser melhor ou pior na seleção com o Fluminense? O Gama *entrou no ônibus agora, não está nem em pé direito e já quer sentar na janela.*"

Há, nesta fala, a ocorrência de um longo segmento cuja "forma de significar" é reconhecível como aquela dos idiomatismos - dizer uma coisa para significar outra coisa -, qual seja: "*entrou no ônibus agora, não está nem em pé direito e já quer sentar na janela*".

⁸⁹ Crítica feita em uma entrevista oral ao vivo, cuja transcrição saiu no Jornal "Folha de São Paulo", caderno de Esportes, de 15/10/2004: D1.

Se tomada ao "pé da letra" e apartada da seqüência precedente com a qual se articula, essa expressão nos remeteria às cenas que envolvem o transporte urbano. Entretanto, na tessitura do dizer de Romário, há uma "revirada" no sentido, partindo-se da mesma expressão.

Não é sem razão que se pode recolher daqui a hipótese lançada por Saussure de que, na língua, não há uma dimensão que comporte a noção de "idêntico a si", ou como afirma Milner, toda a locução "suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas conversações" (1987: 13).

Nessa perspectiva, reconhece-se o equívoco como constitutivo de qualquer dizer. Nas ditas expressões idiomáticas, isso parece ganhar maior nitidez, como já assinaiei anteriormente.

Mas, um outro ponto me chama a atenção nesta ocorrência de fala. Pode-se dizer que o segmento colocado em relevo acima não foi, ainda, propriamente consagrado na língua como um idiomatismo. Parece-me pertinente indagar se Romário seria o seu criador.

Numa primeira observação, penso que uma resposta afirmativa aqui só poderia ser feita, caso se desconsiderasse, por exemplo, os seguintes cruzamentos das seqüências não-idiomáticas constituintes desse dizer com outras expressões já conhecidas no português do Brasil:

(1) "entrou no ônibus agora" x "pegou o bonde andando" x "marinheiro de primeira viagem";

(2) "não está nem em pé direito" x "mal saiu das fraldas";

(3) "já quer sentar na janela" x "quer ser manda-chuva" x "quer ter seu lugar ao sol".

Talvez, nessa análise que faz apelo a um contraponto de expressões de sentido similar, reitere-se a posição de que se pode fazer emergir o idiomático por meio de expressões que - até aquele momento - não costumavam levar o falante para a cena idiomática. O que a fala, nesse episódio, reclama é que se reconheça que o efeito metafórico desse dizer de Romário emana da própria seqüência proferida por ele, ou seja, da sua associação com o fluxo do dizer "em ato". É aí que sua "unicidade se refrata" e se instancia "o lugar do não-idêntico onde todo ser falante, enquanto tal, se coloca".⁹⁰

Importa, portanto, que Romário tenha proferido essa fala. De qualquer de seus fragmentos como, por exemplo, o segmento final *sentar na janela*, fica a idéia de um "idiomatismo em estado nascente".

Entretanto, o que não se pode sustentar é que Romário o tenha "criado".

Para finalizar esta parte, talvez valha a pena considerar que o destino que essa seqüência ganhará no português falado no Brasil é imprevisível: outro ponto que nos obriga a considerar que os idiomatismos submetem-se à mesma dinâmica imposta a qualquer outro elemento da língua.

⁹⁰ Cf. como diz Milner (1987: 13).

Considerações finais

Espero que a leitura que ofereço de manifestações idiomáticas, no capítulo II, possa indicar meu distanciamento relativamente ao modo como a problemática suscitada por elas tem sido tratada no âmbito da Fraseologia/Idiomatologia, conforme apresentadas e discutidas na introdução deste trabalho. Esse possível distanciamento tem relação com a discussão que encaminhei no capítulo I, ou seja, com a necessária inclusão de uma noção de língua enquanto funcionamento e os desdobramentos de tal postulação no âmbito mesmo da Lingüística. Foi esse o ponto de partida para abordar a complexa questão da "unidade" que circula desproblematizada nos estudos antes referidos.

Entendi, inicialmente, que não seria possível encaminhar uma reflexão que contemplasse o que mesmo nesses estudos já se atestava: que o efeito de sentido produzido por tais acontecimentos lingüísticos não resultava da combinatória de sentidos de seus elementos constituintes, tomados como um "em-si".

De fato, reconheceu-se muito antes que um terceiro se produzia no encontro de um ou mais termos. Mas, o problema esteve em que se tomou a combinatória entre eles como um "em-si". Note-se que a abordagem é a mesma daquela que coloca em cena a relação fixa entre uma forma verbal e um sentido, com o acréscimo de que essa forma poderia ter uma extensão maior que a palavra.

Assim, constituiu-se um eixo norteador - não questionado - para as mais diferentes propostas de tratamento teórico dos idiomatismos, mesmo no interior de tendências apenas descritivas que, por períodos inteiros, dominou (ou têm dominado) o campo da Fraseologia/Idiomatologia.

Esse meu ponto de partida possibilitou, também, fazer um outro movimento que não propriamente o das pesquisas reunidas no campo acima referido, qual seja: incluir a fala e, conseqüentemente, o falante, no rol de minhas proposições problemáticas. Digo isso porque, de um lado, não me deixei levar pelo impulso de "analisar" uma fala apenas para fazer operar um aparato descritivo ou taxonômico: meu objetivo não poderia ser meramente aplicativo. Assim, não pude me furtar de discutir a oposição entre o universal e as particularidades que se verificam em um episódio verbal (escrito ou oral, embora aqui os episódios incluídos o foram a partir da escrita), com a presença de manifestações idiomáticas.

A análise me deixou ver que os idiomatismos são mesmo um fato de língua, ou seja, que eles resultam de um jogo combinatório no qual seu efeito de unidade se configura. Ora, o que estou dizendo é que o que recolhi dos episódios analisados é que eles se delimitam no fluxo da fala "em ato". Isso significa que não se pode propriamente prever seu sentido antes que ele se atualize numa determinada fala, oral ou escrita. Oponho-me, portanto, à idéia de que os idiomatismos comportariam um sentido fixo ou uma fixidez sintática.

O que se viu no capítulo II foi bem outra coisa: que eles também estão sujeitos a operações de composição/recomposição que renovam seu modo de fazer presença nos dizeres. Isso cabe mesmo levando em consideração que sentidos relativos a enunciados idiomáticos podem estabilizar-se no uso, mas o que importa é que estabilização não é sinônimo de fixidez.

Falei até o momento em favor da hipótese de que expressões idiomáticas se comportam como outras quaisquer no sistema lingüístico. Minha investigação me indicou é que essas "formas de significar" comportam duplo sentido: diz-se uma coisa para dizer outra. A princípio, minha tendência foi tomar essa característica como diferencial dos outros elementos da língua. Mas, o que se me impôs foi reconhecer, como diz Milner, que esse é mesmo o destino de todo dizer.

Ora, mas insiste para mim que os idiomatismos exibem uma diferença, uma extravagância que, me arrisco a dizer, vincula-se a sua natureza essencialmente metafórica e que, por sua vez, responde pela produção de, muitas vezes, um inesperado efeito significativo.

Quando pensava a respeito de tal caráter curioso, extravagante do idiomatismo, afinal, encontrei em Arrivé (1994; 1999), quando ele discute a diferença entre o significante saussuriano e o significante lacaniano, uma menção à expressão idiomática, feita por Lacan ao fazer uso de uma locução - *à tire-larigot* -, correntemente usada no sentido de 'à beça, muito, em grande quantidade, à saciedade':

O que quer dizer *à tire-larigot* - e existem muitas outras expressões igualmente extravagantes. Elas não querem dizer a não ser isto - a subversão do desejo. É esse o sentido de *à tire-larigot*. Pelo barril furado da significância corre *à tire-larigot* um caneco, um caneco bem cheio de significância. [Lacan, *Seminário 20*, p.30]. (grifo meu)⁹¹

Grifo os termos que me levam a pensar sobre o que diz Lacan: de início, ele refere a extravagância de muitas expressões em que é exemplar *à tire-larigot*. De fato, esse idiomatismo é de exageração em seus sentidos.

Quero ficar no sentido positivo dessa expressão hiperbólica "extravagância", apresentado no dicionário *Aurélio Eletrônico*: "excentricidade, originalidade", qualidades interessantes que se podem acrescer a um enunciado que presentifica o idiomático. "Extravagância" que imagino estar tanto no plano dos efeitos de sentido quanto da forma curiosa com que o idiomático é constituído ou pode manifestar-se na fala. De fato, tantas outras expressões parecem ter tal valor que as distingue das palavras correntes, ou não-idiomáticas, da língua.⁹²

⁹¹ Apud: Arrivé (1999: 87).

⁹² Extravagantes, a meu ver, a exemplo de *à tire larigot*, são, em português: *não misturar alhos com bugalhos; custar os olhos da cara; comer com os olhos; sem eira nem beira nem ramo de figueira; perder as estribeiras; aos trancos e barrancos; sem lenço nem documento; dizer cobras e lagartos; comer gato*

Uma pontuação feliz faz Lacan ao idiomatismo *à tire-larigot* ao torná-lo, a meu ver, a metáfora do *modus faciendi* (ou *modus operandi*) significante: da ação do significante sobre o significado, da reciprocidade no deslizamento de ambos. Lacan modula/modaliza seu discurso ao dizer do *modo muito especial com que o significante derrama a sua significância*: feito o vinho entornando, à sacidade, da garrafa para o copo. Tal como flui o som de uma flauta... Antes que tudo, com que gosto *à tire-larigot* modula o dizer de Lacan...

Arrivé, por sua vez, didatiza o texto de Lacan desta forma:

Ainda que não seja fácil seguir à letra a metáfora do barril furado, vê-se como o significante derrama a sua significância - fundamentalmente distinta da significação saussuriana - sobre o significado, sem levar em conta nenhuma eventual segmentação deste. Onde, segundo Lacan, nisto seguido por J.-A. Miller a propósito de *piropo*, o *Witz* erótico sul-americano⁹³, a “estupidez” das línguas artificiais, “sempre feitas a partir da significação”. Vê-se por onde a “estupidez” chega ao esperanto: é que o significante e o significado, recortados de maneira conforme, são previsíveis um com relação ao outro. Nada de semelhante acontece nas línguas naturais, onde reina a não-conformidade... é a própria significação - relação entre o significante e o significado - que chega a ser questionada... (1994:101).

por lebre; fazer de gato-sapato; fazer das tripas-coração; ir pro brejo; ir pra cucuia; onde judas perdeu as botas; meter-se em camisa de onze varas; são outros quinhentos!; patavina; pinóia; bulhufas; e outras hoje em desuso no ambiente urbano: não mugir nem tugar; à trouxe-mouxe; por locas e bibocas; sem tirte nem guarte; andar por ceca e meca... Estes idiomatismos foram extraídos das crônicas de Carlos Drummond de Andrade. Cf. Silva, José Pereira da. "A origem das frases feitas usadas por Drummond" (contribuições para sua história e etimologia). Cf. web site:

<http://www.filologia.org.br/pereira/textos/aorigemdasfrases2.htm>.

⁹³ "Segundo Miller, não há piropo em esperanto. Por quê? Porque 'o esperanto supõe que a linguagem está fundada numa correlação unívoca entre o significante e o significado' (1981: 152). É pela mesma razão que os golfinhos, segundo Lacan, são absolutamente incapazes de metáfora. Alguém me lembrava recentemente as formas de dedução que regem o esperanto e que fazem com que, quando se conhece boi, pode-se deduzir vaca, novilho, vitela e quanto se queira. E perguntei-lhe como se diz *Mort aux vaches!* [literalmente, Morte às vacas!, mas, em gíria francesa, *vaches* designa o policial]; em esperanto, isso

No fragmento acima citado por Arrivé (1994), lê-se em seguida que Lacan localiza, na extravagante *à tire-larigot*, a subversão do desejo.

Se a expressão é lugar de subversão, se se pode subverter à sua custa, eu ousaria perguntar se isso não implicaria que uma extravagante emergência idiomática, no campo da fala do discurso cotidiano, seja sempre manifestação de um desejo do sujeito... E se tal, não estaria aí algo essencial sobre o idiomatismo? Valeria a pena estudá-lo.

Arrivé inclui ainda alguns fragmentos de Lacan:

...o significante se define como agindo primeiro como separado de sua significação... A significação não é aquilo que a plebe rude acredita. É uma palavra vazia... (1994: 102). (grifo meu).

Concluo, pois, dizendo que a extravagância idiomática pode ser localizada na curiosa combinação de seus componentes, ou mesmo em propriedades sonoras, rítmicas, apresentadas entre termos constituintes do idiomatismo (conforme apontei na dissertação de mestrado) e especialmente evidenciadas em manifestações idiomáticas de fala, quando acontece o deslizamento recíproco de significante e significado, com surpreendentes ou inesperados efeitos de sentido a falante/ouvinte. Dessa concepção de

deveria deduzir-se de Viva o Rei! Isso só basta para se recusar a existência das línguas artificiais, que tentam moldar-se pela significação, razão por que são geralmente inutilizadas." (1981: 65). Apud: Arrivé, Michel, 1994: 101-2).

O Aurélio eletrônico registra: "piropo1 < gr. pyropós, 'com aspecto de fogo' (subentende-se líthos, 'pedra').] 1. A cor do fogo. 2. Mineral monométrico vermelho-escuro, do grupo das granadas, constituído essencialmente de silicato de alumínio e magnésio. Piropo2 < lat. pyropu: 1. Liga usada pelos antigos, com quatro partes de cobre e uma de ouro. Piropo3: Lus. Fam. 1. alanteio, elogio, esp. o dirigido a uma mulher".

idiomatismo resulta sua definição neste trabalho: Idiomatismo é particular “forma de significar” da língua, cuja manifestação idiomática na fala é/pode ser lugar de reflexão sobre a extravagância desse modo significante motivado pela articulação língua-fala-falante.

Descubro, então, com muita felicidade, que meu fascínio pelos idiomatismos, tão antigo, e sendo todos tão de meu agrado, encontra suas razões em tal sentimento também experimentado por outras pessoas. Lacan é que surpreende ao dizer que fica intrigado diante de certas expressões que ele exemplificou – como colocado acima - com *à tire-larigot*, *à beça* e, segundo ele, "...não querem dizer mais que isto: a subversão do desejo".⁹⁴ Saber sobre esse lugar idiomático de "subversão do desejo", a vinculação de um sujeito a esse lugar, é algo que me motiva para pesquisas futuras, o que exigirá um 'mergulho' na Psicanálise lacaniana.

No que diz respeito ao sujeito-falante, a leitura de idiomatismos levou-me a um encontro incontornável: não parece mesmo tratar-se de um modo de presença, tal como tem sido proposto no campo da Fraseologia/Idiomatologia quando, nesses estudos, faz-se referência a ele. Como vimos na Introdução, o aporte semântico ou semântico-sintático apaga o sujeito e o cognitivista subsume a presença do sujeito epistêmico. Atestei, ao contrário, que é outro o sujeito que está em causa na fala, em cena idiomática, ou não. Como indiquei, ele não pode controlar o jogo combinatório da língua e, tampouco, os sentidos que emanam do fluxo significante de sua fala.

⁹⁴ Cf. Lacan, Seminário 20, p. 30). Apud: Arrivé, Michel (1999: 87.

Entendo que, neste momento, tenho que me restringir a tal constatação. Mas, reconheço aí uma questão instigante que, talvez, responda pela elaboração de trabalhos outros que, certamente, resultarão deste meu empreendimento atual.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

AGRÍCOLA, Erhard. "Wörter und Wendungen". Lipsia: Universidade Karl Marx de Lipsia, 1974. *Apud*: KLARE, Johannes (1986: 358-60).

AGUILAR-AMAT (1990). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória. (1996: 9-14).

ALEXANDER, R. J. "Fixed expressions in English: a linguistic, psycholinguistic, sociolinguistic and didactic study". *Anglistik und Englischunterricht*, 6, 1978.

ALEXANDER, R. J. "Phraseological and Pragmatic deficits in Advanced Learners of English: Problems of Vocabulary Learning?" *Die Neueren Sprachen*, 84:6, 1985: 613-21.

ALOUINI, Jouda. "Séquences figées et variation paradigmatic. Les cas des structures du type droit + SP (ou adjectif)". *Europhras*, 2004 (no prelo). Cf. web site: <http://www.sprachwissenschaft.ch/europhras/Abstracts.pdf>.

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e Psicanálise. Lingüística e Inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999: 87.

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e Psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: Edusp, 1994.

BAKHTIN, Mikhail (V.N.Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1902/1919.

BALLY, Charles. *Linguistique Générale et Linguistique Française*. Fracke Berne, 1932/1965.

BARANOV, Anatolij N. e DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij O. "Idioms from a cognitive perspective." *In: Moscow State University Bulletin* 19, 1, 1999: 64-75.

BAR-HILLEL, Yehoshua. "Idioms" *In*: LOCKE, W. N. and BOOTH, A. D. (eds.) *Machine Translation of Language*. Cambridge, MA: M.I.T. Press, 1955: 183-93.

- BARZ, Irmhild. "Phraseologische Varianten: Begriff und Probleme". In: FÖLDES, C. (ed.) *Deutsche Phraseologie in Sprachsystem und Sprachverwendung*, Wien: Ed. Praesens, 1992: 25-47.
- BARROS, Manoel de. "A namorada". *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- BEN AMOR, Thouraya. "Défigement sémantique et phraséologie". *Europhras*, 2004 (no prelo).
- BOER, Charles de (1922). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- BOLINGER, Dwight. "Meaning and Memory". *Forum Linguisticum* 1.1., Harvard: Harvard University, 1976: 1-14.
- BOLLY, Catherine. "Figement/défigement: un processus dynamique entre langue et discours". *Europhras*, 2004 (no prelo).
- BOUQUET, Simon e ENGLER, Rudolf (orgs., edits.) *Écrits de linguistique générale, par Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 2002.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica. Ciência das Significações*. São Paulo, SP: Educ/Pontes. 1897/1992.
- BRÉAL, Michel. "Les lois intellectuelles du langage. Fragment de Sémantique". *Annuaire de l'Association pour l'encouragement des études grecques em France*. Paris: Maisonneuve. *Apud*: GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1883/2002: 13.
- BURGER, Harald *et al.* *Handbuch der Phraseologie*. Berlin: De Gruyter, 1982.
- BURGER, Harald; BUHOFER, Annelies Häcki; GRÉCIANO, Gertrud. "Phraseologie und Parömiologie, Band 14". *Flut von Texten-vielfalt der Kulturen*. Essen: Schneider Verlag Hohengehren GmbH, 2003: 203-17.
- CACCIARI, Cristina; GLUCKSBERG, Sam; TORREANO, Lisa. "When dogs can fly: Using verbs metaphorically". In: *Metaphor and Symbol*, 20, 2005: 259-74.
- CACCIARI, Cristina; GLUCKSBERG, Sam: "Imagining Idiomatic Expressions. Literal or Figurative Meanings?" In: EVERAERT, Martin; VAN DER LINDEN, Erik-Jan; SCHENK, André u. a. *Idioms. Structural and Psychological Perspectives*. Hillsdale/USA: Lawrence Erlbaum Associates, 1995: 43-56.
- CACCIARI, Cristina; GLUCKSBERG, Sam: *Understanding figurative language*. In: GERNSBACHER, Morton A. (Hrsg.). *Handbook of Psycholinguistics*. New York: Academic Press, 1994: 447-77.
- CACCIARI, Cristina. "The Place of Idioms in a Literal and Metaphorical World". In: CACCIARI, Cristina; TABOSSI, Patrizia (1993: 27-55).
- CACCIARI, Cristina; TABOSSI, Patrizia (Hrsg.). *Idioms. Processing, Structure, and Interpretation*. Hillsdale/USA: Lawrence Erlbaum Associates, 1993.

- CACCIARI, Cristina; RUMIATI, Ida; GLUCKSBERG, Sam. "The Role of Word Meanings, Transparency and Familiarity in the Mental Images of Idioms". In: EVERAERT, Martin; VAN DER LINDEN, Erik-Jan; SCHENK, André U. A. *Proceedings of Idioms. International Conference on Idioms*. Tilburg: Tilburg University, 1992: 1-9.
- CACCIARI, Cristina; GLUCKSBERG, S. *Understanding Idiomatic Expressions. The Contribution of Word Meanings*. In: SIMPSON, Greg B. *Understanding Word and Sentence*. Amsterdam: Elsevier Science, 1991: 217-40.
- CACCIARI, Cristina; LEVORATO, Maria C. "How Children Understand Idioms in Discourse". In: *Journal of Child Language*. 16. 1989: 387-405.
- CACCIARI, Cristina; TABOSSI, Patrizia. "The Comprehension of Idioms". In: *Journal of Memory and Language*, 27, 1988: 668-83.
- CARLSON & ROEPER. "Morphology and Subcategorization". In: HOEKSTRA, Teun; VAN DER HULST, Harry and MOORTGAT, Michael (eds.) *Lexical Grammar*. Flores Publications, 1981: 369-78.
- CARNEADO MORÉ Zoina V. e Tristá Pérez, Antonia Maria (dirs.) *Estudios de fraseología*. La Habana: Academia de Ciências de Cuba; 1985: 47-65. Apud: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- CASARES, Julio. "Introducción a la lexicografía moderna". *Revista de Filología Española Anejo LII*. Madrid, 1950/1992. Apud: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 11).
- ČERMÁK, František (1988) "La identificación de las expresiones idiomáticas". Trad.: Eva M. Iñesta, In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) (1998: 133-8).
- ČERMÁK, František. "On the substance of idioms." *Folia Linguistica* XXII/3-4, 1988: 413-38.
- CHAFE, Wallace. "Idiomaticity as an anomaly in the Chomskyan Paradigm". *Foundations of Language*, 4, 1968: 109-25.
- CHOMSKY, Noam. *Regras e Representações*. Trad.: Marilda Winkler Averbug, Paulo Henrique Britto e Regina Bustamante. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1981.
- CONCA (1999) Apud: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- CONCA e GUIA (2000) Apud: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- CORPAS PASTOR, Glória. "Fraseología e unidades". *Manual de fraseología española*, cap. 1, Madrid: Gredos, 1996: 9-14.
- CORPAS PASTOR, Glória. *Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*. Frankfurt am Main/Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2003.
- COSERIU, Eugenio (1981). Apud: CORPAS PASTOR, Glória. (1996: 9-14).

- COWIE, A.P. (ed.) *Phraseology, Theory, Analysis and Applications*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1998/2001.
- CSÁBI, Szilvia. "Polysemous Words, Idioms and Conceptual Metaphors. Cognitive Linguistics and Lexicography". In: BRAASCH, Anna e POVLSSEN, Claus. *Proceedings of the Tenth EURALEX International Congress. EURALEX 2002*, In: Copenhagen, Denmark: Center for Sprogteknologi, August 13-17, 2002: 249-54.
- DANLOS, Laurence. "La Morphosyntaxe des expressions figées". *Langages*, 63. Paris: Larousse, sept. 1981: 53-74.
- DAVIDSON, Donald. "O que as metáforas significam". *Apud*: SACKS, Sheldon. *Da Metáfora*. São Paulo: Educ/Pontes: 1992: 47.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. "A criança com(o) ponto de interrogação" (mimeo, s/d: 5).
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. "Da morte de Saussure o que se comemora?" *Psicanálise e Universidade*, 3, 1995: 41-51.
- DE MAURO, Túlio. *Curso de Lingüística General - Bailly, Charles e Séchehaye, Albert de*. Madrid: Alianza, 1916/1993.
- DE SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1916/1970).
- DOBROVOL'SKIJ, Dimitrij. *Kognitive Aspekte der Idiom-Semantik. Studien zum Thesaurus deutscher Idiome*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1995.
- DOBROVOL'SKIJ, Dimitrij. "Phraseologische Wörterbücher Deutsch-Russisch und Russisch-Deutsch. Stand und Perspektiven". *Germanistische Linguistik*, 1999: 143-4; 141-75.
- DOBROVOL'SKIĬ, Dmitriĭ. "Acerca de la equivalencia translingüística de los fraseologismos". *Apud*: LUQUE DURÁN, Juan de Dios e PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) (2005).
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia e prosa*. (org. autor). Com nota editorial, de Afrânio Coutinho; *As várias faces de uma poesia*, de Emanuel de Moraes; fortuna crítica; cronologia da vida e da obra; bibliografia. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979. (correspondente à 5ª ed. da *Obra Completa*. *Apud*: PEREIRA DA SILVA, José (1985).
- ECKERT, Rainer. "Aktuelle Probleme der Phraseologieforschung". In: *Aktuelle Probleme der Phraseologie*. Lipsia: Universidade Karl Marx de Lipsia, 1976: 7 e segs. *Apud*: KLARE, Johannes (1986: 355-60).
- ENGLER, Rudolf (ed.) *Cours de Linguistique Générale*. Edição crítica em três volumes do *CLG*, de Ferdinand de Saussure. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1967.
- FILLMORE, Charles J. "On Fluency". In: FILLMORE, Charles *et al.* (eds.) 1979) *Individual Differences in Language Ability and Language Behavior*. New York, Academic Press, Inc.: 1979: 85-101.

- FLEISHER, Wolfgang. *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*. Lipsia, 1982: 10. *Apud*: KLARE, Johannes. (1986: 356).
- FRASER, Bruce. "Idioms within a transformational grammar". *Foundations of Language*, 6.1, 1970: 122-42.
- GALISSON (1976; 1984). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- GIRO (1991; 1993; 1999) *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du 'Cours de linguistique générale' de Ferdinand de Saussure*. Genebra: S. Dorz, 1957.
- GONZÁLEZ REY, Isabel. *La Phraséologie du Français*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002; *apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- GRACE, George W. *Essay on language*. Columbia SC: Hornbeam Press, 1981.
- GRÉCIANO, Gertrud. "Phraséologie et Institutions européennes". *In: Paremia* 8, 1999: 255- 60.
- GREIMAS, Algirdas-Julien. "Les proverbes et les dictons". *Du sens*. Paris: Seuil, 1970: 309-14.
- GROSS, Gaston. "Pour une véritable fonction "synonymie" dans un traitement de texte". *Langages* 131, 1998: 103-14.
- GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français-Noms composés et autres locutions*, Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, Gaston. "Classes d'objets et description de verbes". *Langages* 115. Paris: Larousse, 1994.
- GROSS, Gaston. "Degré de figement des noms composés". *Langages* 90, 1988: 57-72.
- GROSS, Gaston. "Une classification des phrases "figées" du français". *Revue Québécoise de linguistique*, 11, n.º 2, 1982: 151-85.
- GROSS, Maurice. "Sur les déterminants dans les expressions figées". *Langages*, 79. Paris: Larousse, sept.1985: 89-117.
- GUIRAUD, Pierre. *Les locutions françaises*. Paris: PUF, 1954/1970.
- GUIRAUD, Pierre. *La Stylistique*. Paris: PUF, 1970.
- HÄUSERMANN, J. (1977) *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 10).
- HAUSMANN (1979; 1997). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 10).
- HIGI-WYDLER, Melanie. "Zur Übersetzung von Idiomen". *Eine Beschreibung und Klassifizierung deutscher Idiome und ihrer französischen Übersetzungen*. Bern/ Frankfurt/New York: Peter Lang, 1989 (Europäische Hochschulschriften, Reihe XIII: Französische Sprache und Literatur. 146). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).

- HOCKETT (1958). *Apud*: BOLINGER, Dwight. "Meaning and Memory". *Forum Linguisticum* 1.1., Harvard: Harvard University, 1976: 1-14.
- HUNDT, C. *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*, Wilhelmsfeld: Gottfried Egert Verlag, 1994.
- ILARI, Rodolfo. "Frases-feitas". *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo, SP: Contexto, 2001: 78-84.
- IÑESTA MENA, Eva María e PAMIES BELTRÁN, Antonio. *Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos*. Granada: Granada Lingüística, 2002.
- JAKOBSON, Roman Ossipovitch. "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". *In: Lingüística e Comunicação*. Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. 6ª ed. São Paulo, SP: Cultrix/Edusp, 1969.
- JESPERSEN, Otto. *The Philosophy of Grammar*. London: Allen and Unwin, 1924/1965.
- KATZ, Jerrold, J. "Semantic theory's model of a semantic component". *Semantic Theory*. New York: Harper & Row Publishers Inc, 1972: 35-47.
- KAVKA, Stanislav. *A Book on Idiomaticity*. Žilina: EDIS, 1963.
- KLARE, Johannes. *Lexicologia e fraseologia no português moderno*. *Revista de Filologia Românica*, 4. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986: 355-60.
- KOCHER, Henerik (org.) *Dicionário de Expressões e Frases Latinas*. Cf. web site: http://www.psleo.com.br/fr_lat_e2.htm.
- LAHUD, Michel. "Alguns mistérios da Lingüística". *Almanaque, Caderno de Literatura e Ensaio*, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977: 30.
- LEMLE, Miriam. *Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 1984.
- LEHRER, Adrienne. "Selection Restrictions". *Semantic Fields and Lexical Structure*. Amsterdam/London: North-Holland Publishing Company, 1974: 185-7.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca. *Os Monólogos da Criança: "Delírios da Língua"*. São Paulo, SP: Educ/Fapesp, 1998.
- LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. *Os elementos constituintes dos idiomatismos no português do Brasil*. (dissertação de mestrado). São Paulo: PUC-SP, 1989.
- LOPES MACÁRIO, A. *Texto Proverbial Português*. Coimbra: Faculdade de Letras (tese de doutoramento), 1992.
- LUQUE DURAN, Juan de Dios e MANJÓN POZAS, Francisco José. "Fraseología, metáfora y lenguaje taurino". *In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) Léxico y Fraseología*. Granada: Método Ediciones, 1998: 43-70. Cf. web site: <http://ashda.ugr.es/laboratorio/tlt/tlt2/libros/fraseologia/luque.pdf>.

- LUQUE DURÁN, Juan de Dios & MANJÓN POZAS, Francisco José. "Claves culturales del diseño de las lenguas: fundamentos de tipología fraseológica". *Estudios de Lingüística Española (ELiEs)*, 16, 2002. Cf. web site: <http://elies.rediris.es/elies16/Claves.html>.
- LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método Ediciones, Granada Lingüística, 2005.
- LYONS, John. *Linguagem e Lingüística-uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MACHADO, José P. *Dicionário de Provérbios*. Lisboa: Editorial Notícias, 1996.
- MAKKAI, Adam. *Idiom Structure in English*. The Hague: Mouton, 1972.
- MARÇALO, Maria João. "Fraseologia e Paremiologia no ensino de Português Língua Materna e Português Língua Estrangeira: um estudo contrastivo". Évora: Universidade de Évora, 1994. Cf. website: <http://www.fesh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fraseologia.htm>.
- MARÇALO, Maria João. "Metáfora y fraseología en Portugués: quando la lengua se pretende intraducible". In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios e Pamies Bertrán, Antonio (eds.) (2005: 351-8).
- MARTÍ SÁNCHEZ, Manuel. "Explorando la definición real de los Fraseologismos". In: *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación (clac)* 24, noviembre 2005. [ISSN 1576-4737]. Cf. web site: <http://www.ucm.es/info/circulo/no24/marti.htm>.
- MARTINS-BALTAR, Michel (org.) *La locution en discours - Cahiers du français Contemporain*, vol. 2, Paris: Didier-Érudition, 1995.
- MARTINS-BALTAR, Michel (ed.) *La locution entre langue et usages*. Paris: Col. Signes, ÉNS Ed. Fontenay St. Cloud, 1997.
- MARTINS-BALTAR, Michel. "Énoncés de motifs usuels: figures de phrase et procès de déraison". In: MARTINS-BALTAR, Michel (ed.) *La locution en discours*. Paris: ENS-St.Coud, 1997.
- MELLADO, Carmen. "Convergencias idiomáticas en alemán y español desde una perspectiva cognitivista". *Apud*: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) (2005).
- MEJRI, Sahah. "Séquences figées et expression d'intensité. Essai de description sémantique". *Cahiers de lexicologie*, 65, 1994-2: 111-22.
- MEJRI, Salah. *La néologie lexicale*. Manouba, Tunisie: Publications de la Faculté des Lettres, 1995.
- MEJRI, Salah. "Binarisme, dualité et séquences figées". *Les formes du sens*. Mélanges Robert Martin, Duculot, 1997: 249-56.
- MEJRI, Salah. "Défigement et jeux de mots". Tunis: *Etudes linguistiques*, vol.3, 1997: 75-92.

- MEJRI, Salah. *Le figement lexical. Descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Manouba, Tunis: Publications de la Faculté des Lettres, 1997.
- MEJRI, Salah. "Du figement lexical: continuité référentielle et saillance linguistique", *Scolia*, 11, Strasbourg, 1998: 169-79.
- MEJRI, Salah. "La conceptualisation dans les séquences figées". *L'information grammaticale*, numéro spécial. Tunisie: mai 1998: 41-48.
- MEJRI, Salah. "La mémoire des séquences figées: une troisième articulation, ou la réhabilitation du culturel dans le linguistique?" Actes du colloque *La mémoire des mots*. Tunis: Actualité Scientifique, AUPELF-UREF, 1998: 3-11.
- MEJRI, Salah. "Le figement et la linéarité du signe linguistique". *L'information grammaticale*, numéro spécial. Tunisie: mai 1998: 17-21.
- MEJRI, Salah. "Structuration sémantique et variation des séquences figées". In: *Le figement lexical*. Tunis: Actes de la 1^{ère} RLM, sept. 1998: 103-12.
- MEJRI, Salah; GROSS Gaston; CLAS André; BACCOUCHE T. (dir.) *Le figement lexical*. Tunis: Actes de la 1^{ère} Rencontre Linguistique Méditerranéenne (RLM). CERES, sept. 1998.
- MEJRI, Salah. "Unité lexicale et polylexicalité". *LINX* 40, 1999: 70-95.
- MEJRI, Salah. "L'altérité dénomminative". *Revue tunisienne des sciences sociales*, n.º 120. Tunis: Centre d'Etudes et de Recherches Economiques et Sociales. 2001: 61-75.
- MEJRI, Salah. "La stéréotypie du corps dans la phraséologie. Approche contrastive". In: BURGER, Harald; BUHOFER, Annelies Häcki; GRÉCIANO, Gertrud. (2003: 203-17).
- MEJRI, Salah (à paraître) "Traduire, c'est gérer un déficit", à paraître dans *META*, un numéro spécial dirigé par Christian Balliu.
- MENA MARTÍNEZ, Fl. "En torno al concepto de desautomatización fraseológica: aspectos básicos". *Tonos* (Revista Electrónica de Estudios Filológicos), 2003, cf. web site: www.um.es/tonosdigital.
- MILNER, Jean-Claude. *Le Périphe Structurel. Figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002.
- MILNER, Jean-Claude. *O Amor da Língua*. Trad.: Angela Cristina Jesuino, Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1987 (1^a ed.: 1978).
- MILITZ, Hans-Manfred (1978). *Apud*: KLARE, Johannes (1986).
- MUÑOZ, ARROYO e GONZÁLEZ RODRÍGUEZ (1988,1993-5). *Apud*: CORPAS PASTOR (1996: 9-14).
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953/1986.
- OLIVIER e MILITZ, Hans-Manfred. "Franzósisehe idiomatische Wendungen" (1978); e em artigos nas *Beiträge zur romanischen iXI*, 1972 e XXI, 1982. *Apud*: KLARE (1986: 356).

- PALMER, F.R. "Idioms". *Semantics. A New Outline*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976: 98-99.
- PAMIES, Antonio & CORTINA, B. "Idioms on Drunkenness and drunkenness on Idioms". *Paper at Europhras*, 2006, Veszprem [forthcoming].
- PAMIES, Antonio. "Spanish Phraseology in Dictionaries". In: Burger, H.; Dobrovolskij, D.; Kühn; P. & Norrick; N. (eds.) *Phraseology: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: Mouton/DeGruyter, 2006. [forthcoming].
- PAMIES, Antonio & POTAPOVA, O. "Metaphoric competence and the recognition of idioms: an experimental approach". In: R.Almela; E.Ramón-Trives; & G.Wotjak, (eds.): *Fraseología contrastiva*. Murcia: Universidad, 2005: 259-282.
- PAMIES, Antonio & PAZOS, J.M. "Extracción automática de colocacións e modismos". In: *Cadernos de fraseoloxia galega*, 6, 2004: 191-203.
- PAMIES, Antonio; LOZANO, W: & AGUILERA, D. "Fraseología de la Borrachera en guaraní y en español". *Paremia* 13, 2004: 51-64.
- PAMIES, Antonio & PAZOS, J.M. "Acceso automatizado a fraseologismos y colocaciones en corpus no etiquetado". *Language Design*, 5 (Univ. Granada), 2003: 39-50.
- PAMIES, Antonio. "L'interculturel et les universaux phraséologiques". In: L'udmila MeÅkova (ed.) *Medzinarodna Vedecka Konferencia pri Prilez itosti 25 vÅroÅ?ia zoloA3/4enia fakulty (7/8-2-2002)*, Num. spĉial de la revue *Acta Lingvistica* 5, (Univ. Banska Bystrica, Slovaquie), 2003.
- PAMIES Bertrán, Antonio. "L'interculturel et les universaux sĉmantiques - l'ĉquivalence cognitive en traduction". *Medzinarodna Vedecka Konferencia pri Prilez itosti 25 vyrocia zolozenia fakulty*; Ekonomicka Fakulta, University Mateja Bela v Banskej Bystrici. (CDRom). Slovaquie: Colloque International organisĉ par l'Universitĉ Matej Bel. Banska Bystrica, 2002.
- PAMIES, Antonio. "Modelos ic3nicos y archimet3foras: algunos problemas metalinguĉsticos en el 3mbito de la fraseologĉ". *Language Design*, 4 (Univ.Granada), 2002: 9-20.
- PEREIRA DA SILVA, Josĉ. "A origem das frases-feitas usadas por Drummond-contribuiĉ3es para sua hist3ria e etimologia", 1985. Cf. web site: <http://filologia.org.br/pereira/textos/aorigemdasfrases1.htm>.
- PRATT, 3scar. "Locuĉ3es Petrificadas-Conjecturas e Apontamentos para o estudo da Fraseologia Portuguesa". Esposende: Tipografia Esposendense, Separata do vol. XXI da Revista do Minho, 1994.
- RICOEUR, Paul. *A met3fora viva*. Paris: Seuil, 1975.

- RODRIGUES LAPA, Manoel. *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1945/1979.
- ROTHSTEIN, Susan Deborah. *The syntactic forms of Predication* (tese de doutorado). Department of Linguistics and Philosophy at the Massachusetts Institute of Technology, 1983 (xerox).
- RUHL, Charles. "Two forms of reductionism". *Lacus* 4. Berkley: University of Califórnia, 1977: 370-83.
- RUIZ GURILLO, Leonor. "La fraseologia como cognición: vías de análisis". *Lingüística Española Actual* (no prelo).
- RUIZ GURILLO, Leonor. "Aspectos de fraseología teórica española". *Cuadernos de Filología*, Anejo XXIV, Valencia: Universitat de València, 1997/8.
- SACKS, Sheldon. *Da Metáfora*. Trad.: Leila C.M. Darin. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.
- SALVADOR, V. "Idiomaticitat i discurs prefabricat". In: SALVADOR, V. e PIQUER, A. (eds.), 2001: 19-31.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Trad.: Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1970. [Original em francês: (1916) *Cours de Linguistique Générale*. Paris, Payot].
- SCHEMAN, H. e SCHEMANN-DIAS. *Dicionário idiomático português-alemão*. Braga: Livraria Cruz/Max Hueber Verlag, s/d. *Apud*: KLARE (1986: 357).
- SCHERZER, Dina. "Saying in inventing: gnomie expressions in *Molloy* [Samuel Beckett]". In: KIRSHANBLATT-GIMBLETT, B. (org.) *Speech Play: Research and resources for the study of linguistic creativity*. University of Pennsylvania Press, 1976: 163-71.
- SECHEHAYE, Charles-Albert (1921). *Apud*: CORPAS PASTOR, Glória (1996: 9-14).
- TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Universidade de São Paulo (tese de doutorado), 1987.
- TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.
- THUN, Harald. *Probleme der Phraseologie*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1978. *Apud*: KLARE (186: 356).
- TRISTÁ PÉREZ, Antonia Maria. "La metáfora: sus grados de revelación en las unidades fraseológicas". In: CARNEADO MORÉ Z. e Tristá Pérez, Antonia Maria (dirs.) (1985: 47-65).
- VEGA-MORENO, R. E. (2004): "Relevance Theory and the construction of idiom meaning", 2004: 303-23. *Apud*: MARTÍ SÁNCHEZ, Manuel, 24, noviembre 2005. Cf. web site: <http://www.ucm.es/info/circulo/no24/marti.htm>.

XATARA, Cláudia e OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *Dicionário de Provérbios, Idiomatismos e Palavrões, Francês-Português, Português-Francês. (Portuguese)*. Book, Cultura Editores Associados, jan.2002.

XATARA, Cláudia Maria. "O ensino do léxico: as expressões idiomáticas". Campinas: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 37, jan.jun. 2001: 49-59.

XATARA, Cláudia Maria. *A tradução para o português de expressões idiomáticas do francês*. Araraquara: UNESP (tese de doutorado), 1998.

XATARA, Cláudia Maria. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Araraquara: UNESP (dissertação de mestrado), 1994.

YAGUELLO, Marina. "O assassino do tempo". *Alice no País da Linguagem. Para compreender a Lingüística*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997: 147-53.

ZULUAGA, Alberto. *Introducción al Estudio de las Expresiones Fijas*. Frankfurt A.M./Bern /Cirencester-U.K.: Verlag Peter D. Lang, 1980.

WEINREICH, Uriel. "Problems in the Analysis of Idioms". In: PUHVEL, J. (ed.) *Substance and Structure of Language*. Berkeley-Los Angeles: U.of California Press, 1969: 23-81.

WOTJAK, Bárbara. "Formas rutinarias en los diccionarios didácticos". In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) (2005: 331-49).

WOTJAK, Gerd. "¿Qué significado podemos atribuir a las unidades fraseológicas?". In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.) (2005).